

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NEVES, Jorge Ney Viana Macedo. Jorge Viana (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 5min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Jorge Viana  
(depoimento, 2011)**

Rio de Janeiro

2019

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

***Levantamento de dados:*** Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

***Técnico de gravação:*** Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil; Brasília - DF - Brasil;

***Data:*** 05/05/2011 a 10/06/2011

***Duração:*** 3h 5min

Arquivo digital - áudio: 5;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memórias dos fundadores do PT”, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

***Temas:*** Acre; Amazônia; Campanha eleitoral; Chico Mendes; Criminalidade; Crise política; Diretas já (1984); Ecologia; Família; Governo Dilma Rousseff (2011-2016); Governo estadual; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Identidade nacional; Igreja Católica; Índios; Luiz Inácio Lula da Silva; Marina Silva; Memória nacional; Movimento estudantil; Movimentos sociais; Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB; Partido dos Trabalhadores - PT; Política; Políticas públicas; São Paulo; Senado Federal; Universidade de Brasília; Venezuela.

## *Sumário*

1º entrevista: 05/05/2011 Origens familiares acreanas; o nascimento na Amazônia; influências políticas familiares; a saída do Acre para São Paulo para estudar; o ingresso para a Universidade de Brasília (UnB) para cursar Engenharia Agrícola; o início da participação no movimento estudantil ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT); a campanha das Diretas Já; o retorno ao Acre; a atuação no Laboratório de Madeiras, ligado à Secretaria de Indústria e Comércio do Estado; o Conselho Nacional de Seringueiros; a questão ambiental como central; o nascimento do PT no Acre; a aproximação com Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes); a ligação do movimento social acreano com a Igreja Católica; a introdução da dimensão ambiental nos debates do PT; o debate sobre a questão indígena; a participação do Lula na construção do PT do Acre; o assassinato de Chico Mendes; a atuação na campanha da Marina Osmarina da Silva Vaz; a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva em 1989; as disputas com as forças políticas ligadas à igreja; os conflitos da vertente do Partido Revolucionário Comunista (PRC) dentro do PT; o uso da identidade e memória na sua candidatura para governador em 1990; sua atuação como elemento de conciliação e união dentro do partido; o período de especializações e cursos políticos; a participação em um curso na Venezuela; a candidatura à prefeitura de Rio Branco e atuação como prefeito em 1992.

2º entrevista: 10/06/2011 A aliança com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); a eleição e a candidatura à governador em 1998; o conceito de “governo de floresta”; o processo de reconstrução da identidade acreana; os desafios de governar o Acre; a experiência do PT no Acre como referência nacional; as críticas e discussões ao PT diante do “mensalão”; os desafios do cenário de criminalidade no Acre; os impactos das políticas públicas do governo Lula no Acre; os desafios em termos de sustentabilidade econômica no Acre; o trabalho no Conselho de Administração da Elibras; a sua atuação como senador; a participação da relatoria do Código Florestal; a sua atuação como senador; a importância da construção de uma consciência ecológica; a crise do governo de Dilma Vana Rousseff; os processos e desafios atuais do PT.

*1º entrevista: 05/05/2011*

M.M. – Vamos começar. Senador, nós gostaríamos de começar essa conversa, que o senhor nos falasse um pouco das suas origens familiares: onde o senhor nasceu, como foi a sua infância, a sua socialização, os seus estudos.

J.V. – Eu, mesmo tendo só cinquenta e um anos... e tive oportunidade de fazer engenharia florestal, sou engenheiro; e tenho duas filhas. E, mesmo tendo só cinquenta e um anos, a minha origem é genuinamente acreana. Ou seja, eu sou um amazônida do ponto de vista do nascimento, porque meu pai e minha mãe são acreanos. E um já está com oitenta e dois anos, o outro com oitenta e cinco. No caso, a dona Silvia é mais velha, tem oitenta e quatro anos, e meu pai, oitenta e dois. São acreanos. Aí, um diferencial é que a mãe da minha mãe (que já não está mais com a gente, óbvio) também é acreana, e a mãe do meu pai também é acreana.

M.M. – Então você é um acreano legítimo.

J.V. – Isso é raro. Não tem. Então eu estou na...

M.M. – É. Que é uma área migração, com muita gente chegando, saindo.

J.V. – Muito difícil. Aí, a origem da minha família é: por parte da minha mãe, os avós dela, era uma boliviana que casou com um cearense, na fronteira do Brasil com a Bolívia; nasceu a mãe dela, a minha avó Deodolina, e o pai dela é português, que chegou no Acre com dezessete anos, Macedo. E um português que representa bem o tipo de ocupação e migração na Amazônia casou com uma genuína acreana, filha de uma boliviana com um cearense. Então, está bem posicionado, no caso da minha mãe. E meu pai, o meu avô era paraibano e minha avó, acreana. E que também, meu pai nasceu no vale do Acre, próximo da Bolívia, e minha mãe, no fundo, nasceu na Bolívia, porque minha mãe nasceu do outro lado. Quando os pais dela foram casar, eles atravessaram o rio: saíram da Bolívia, vieram para o lado brasileiro, fizeram o casamento aqui com o juiz de paz, e voltaram para lá. E a minha mãe nasceu na Bolívia. E meu pai nasceu na fronteira com a Bolívia. Então... E os dois foram funcionários públicos. Depois, meu pai enveredou...

M.M. – Pela política também.

J.V. – Pela política. Porque ele foi recenseador no censo de 60. Ele tinha recém chegado em Rio Branco, vindo do interior, e foi ser recenseador. E sempre teve... E meu avô também. Meu avô por parte do meu pai chegou a... tinha ano que ele era escrivão de polícia, tinha ano que ele era transferido cinco vezes do mesmo lugar; por conta da política, por causa das opiniões políticas que tinha, chegava num lugar, já estava transferido para o outro, voltava para o outro, com a família. Isso, num período que não tinha estrada, que era tudo pelos rios, não tinha avião. E meu pai então resolveu ser candidato a vereador. Foi eleito vereador. Depois, foi deputado estadual, foi prefeito um período, e depois, chegou até ser deputado federal, sempre em partidos que a gente tem como conservadores. Foi da Arena, do PDS. E depois foi...

A.F. – A primeira eleição dele para vereador foi quando?

J.V. – Não. Aí ele foi... Foi em 60... Eu acho que foi 63, que teve eleição para vereador. Salvo engano, foi 63. 62 ou 63.

M.M. – É, 62.

J.V. – Ele fez o censo de 60. Foi recenseador em 60. Um ano e meio depois e tal. E ele começou a campanha, ele falou que ninguém conhecia ele em Rio Branco. E aí (isso é uma coisa bacana) ele pegou aqueles megafones... Antigamente era tudo uma pilha mas a caixa de pilha era enorme, você tinha que andar (com) alguém carregando aquela caixa de pilha, com vinte pilhas, doze pilhas, sei lá quantas. E, como ninguém conhecia, ele, em vez de bater nas casas e falar, ele ficava falando do meio da rua, andando. O pessoal achava que ele era meio louco. E ele disputou cinco eleições, ganhou as cinco. Nunca perdeu eleição. Então... E o meu pai, por ter uma ação política, ele era um político (que até, nisso, eu respeito muito) conservador, tradicional, mas que fazia uma política de... de criar relações (,) de dependência, ele sempre esteve muito presente. Tinha ele e o pai do Flaviano Melo, que é um político também, chamado Raimundo Melo. Eles eram respeitadíssimos, porque eram políticos verdadeiros, que estavam ali defendendo determinados segmentos, categorias e tal, e faziam isso no jeito conservador de fazer política deles; não se beneficiavam. Então, na minha casa, a gente sempre passou muita dificuldade por meu pai ser político. A casa nossa, a primeira que

a gente morou, foram vinte anos de construção, nunca terminava. Não deu nem para rebocar a casa. Ele foi fazendo, funcionário público, minha mãe também... E a gente morava os quatro no mesmo quarto. Só tinha dois quartos, sem banheiro; o banheiro era fora da casa. É uma casinha pequena, de alvenaria. E eu lembro que, a gente pequeno, os colchões eram de capim, eram quatro; e sempre que chegava alguém conhecido dele, na madrugada, que vinha dos seringais, das colônias, ele botava dois em cada colchão daquele, que já era muito estreito e pequeno, que normalmente se caía muito fora do colchão; e tirava dois colchões e dava para alguém que chegava para dormir; acolhia a pessoa como se fosse da casa.

A.F. – Você tem irmãos?

J.V. – Aí morreu o meu irmão mais velho, mais a minha irmã e o Tião, que é hoje o governador, então nós éramos quatro. Agora somos três. E ele criou um grupo de compadres, que ele tinha mais de cento e cinquenta compadres. E era interessante que... Na minha casa, então, sempre teve muita precariedade material, financeira, foi sempre muito modesta a vida, muitíssimo modesta. Parecia que ele não era político. Aliás, eu acho que era modesta porque ele era político daquele jeito dele.

M.M. – É. Tem uns políticos que não se beneficiam.

J.V. – E ele... E era uma coisa doida. Meu pai, ele tinha uma relação tão direta com as pessoas, de convívio, que o dia mais tranquilo na minha casa era o dia da eleição, quando eu era pequeno, porque meu pai sabia quantos votos ia ter em cada urna, mais ou menos, porque tinha anotado o nome de quem eram pessoas que ele podia contar naquelas urnas. (Falavam: mas você é louco.) Então, assim, ele ia ter mil e setecentos votos para se eleger deputado estadual, se elegia com três mil votos o deputado estadual, teve uma eleição, três mil e duzentos, eu acho... Só se eu estiver errado. Não. Aí foi para federal? Foi para federal. Três mil e poucos votos, na época. Mas... Para federal não, mas para estadual, ele tinha o caderno com os nomes. Então ele, “nessa urna, vou ter vinte votos”. Tinha dezenove, vinte e dois, vinte e três. Não falhava. Aquilo era incrível.

A.F. – Na margem de erro. (ri)

J.V. – Na margem de erro. Não tinha pesquisa, não tinham as estatísticas, ele tinha um caderno. Então ele começou e terminou fazendo política assim. E ele foi muito importante na formação minha e do Tião, que é o atual governador do Acre, porque o papai nunca tentou nos seduzir, para que a gente viesse para o tipo de política que ele fazia. Ao contrário. Ele sempre nos empurrou, para a gente buscar um outro caminho. E sempre nos botou, botou para ler a história do Acre, para amar o Acre. Foi ele que me apresentava, me fez ler os livros sobre Plácido de Castro, sobre Galvez, sobre... E aí eu fui me... estudando, estudando sobre o Acre. Não sabia direito. Mais do que na própria escola.

M.M. – Você estudou em que tipo de escola? Escola pública?

J.V. – Sempre escola pública. Aí o papai, quando a gente... E eu, no começo assim, (aí vou falar uma parte mais minha) eu sempre fui metido ao empreendedorismo. No Acre, não tinha muita coisa, a gente tinha os aviões, que era só para poucos... Dois dias de viagem do Rio de Janeiro para lá, num avião DC3, não é brincadeira. Para mostrar onde a gente vivia. Alguns diziam que era o fim do mundo. Eu dizia que era o começo; o fim era aqui, porque era tão longe aqui... E o Acre era abastecido (eu ainda peguei isso) por navios, que uma vez por ano, durante dois ou três meses por ano, eles saíam de Belém e levavam o abastecimento do estado, traziam a produção florestal nossa, no caso, a borracha e a castanha, e a gente ficava... E eu, naquela época, já negociava. Tudo... As condições de casa não eram boas, eu sempre fazia um jeito de ganhar algum dinheirinho com as coisas. Então o pessoal, ia ter festa junina, eu aproveitava ali, me divertia, mas eu montava uma banquinha, ganhava, vendendo traque, bombinhas e tal. Se estava fazendo uma obra, eu ia lá, montava um grupo, ia quebrar tijolo, para vender, porque não tem pedra no Acre, vendia o concreto, já ganhava um dinheiro. Qualquer coisa... Então, o pessoal estava tomando umas nos botequinhos, eu pegava as garrafas; quando o navio chegava, vendia as garrafas e apurava um dinheiro. Ia para as colônias com meu pai, eu saía recolhendo fruta silvestre; chegava... Quer dizer, eu ganhava uma boa grana com aquilo. Eu sempre fui o que tive a poupança em casa para emprestar... Desde pequeno. Isso, desde pequeno. Um dos poucos que tinha dinheiro na conta, em alguma poupança, era eu. Eu sempre estava fazendo algum negócio. Criava galinha, pato, vendia. Enfim. Então isso, de alguma maneira... Eu sempre gostei de tentar mexer com alguma coisa que movimentasse. Nunca virei comerciante nem nada. Mas... digo, de fazer alguma coisa acontecer. Quando a gente veio estudar fora, o Tião em Belém, eu vim para cá...

M.M. – Você é o mais novo?

J.V. – Não. Tião é mais novo. *(Atende o telefone. Conversa.)*

[Interrupção da gravação]

Então... a gente... Eu acho que é assim também, por que é que as coisas acontecem? Estava falando ainda há pouco com Carioca. Quando eu estava na universidade e o Tião estava na universidade, estava surgindo o PT.

M.M. – Você é o mais velho então.

J.V. – Sou mais velho um ano. Estou com cinquenta e um. E o Tião vai fazer cinquenta agora, em fevereiro. Desculpa. O Tião já tem cinquenta, eu tenho cinquenta e um.

M.M. – Como é que foi a escolha profissional, a saída do Acre para estudar?

J.V. – Ah, sim. Eu, como eu sempre gostei dessa coisa da floresta, de plantar, de criar, e quando fui fazer o segundo grau, eu estava com quatorze anos, meu pai falou: “Ó, tem uma oportunidade de ir para o Rio de Janeiro”. Naquela época, com sacrifício, algumas famílias mandavam... Porque o Acre tinha sido território, então a nossa... até o jeito de falar nosso é muito ligado ao Rio de Janeiro, que é a capital. Adoecia, ia para o Rio de Janeiro, aposentava, estava com dinheiro, ia morar no Rio de Janeiro. O pessoal sempre... O nosso link era com o Rio de Janeiro. Sempre. Mais do que com Belém e Manaus. Diferente dos outros territórios. E aí meu pai falou... Na época, tinha um Colégio Werneck, que o pessoal podia ficar internado lá e tal. Ele falou: “Olha. Eu posso bancar para ir lá”. E tinha uma oportunidade de ir para o interior de São Paulo, (fazer) um colégio agrícola, que era de graça. Eu fui para o interior de São Paulo. Com quatorze anos, fui morar sozinho. E isso era...estou falando de 75.

A.F. – Exatamente aonde?

J.V. – Em Rancharia, perto de Presidente Prudente. Aliás, eu sou lá uma... o pessoal do PT me tem como referência, porque eu falo: fora o Acre, que eu adoro e tal, eu sou um rancheriense, porque eu fiz muita amizade lá, durante os três anos que eu morei lá. Então... Isso foi no final dos anos 70.



M.M. – Foi fazer o segundo grau.

J.V. – Fiz o segundo grau lá. E daí, a opção também do Tião...O Tião sempre quis ter uma relação... Tião sempre... nunca teve dúvida que essa era a carreira dele, a de médico. Aliás, isso, na família, criou um problema, porque a passagem dele de médico para a política foi difícil. Eu lembro que o PT e os companheiros das outras forças políticas na época, a gente convidando, em 94, para o Tião ser candidato ao governo, a gente não tinha alternativa, era eu, Marina, Binho, Carioca, que está aqui, o Aníbal e tantos outros companheiros do PT e tal, e fui eu o mensageiro para ir lá na minha mãe e no meu pai, para dizer que o Tião tinha que deixar de ser médico para virar político, para ser o nosso candidato ao governo. Foi um drama. Meu pai e minha mãe ficaram de joelho, pedindo que aquilo não acontecesse. Choraram. Porque... Pô, trocar, um menino que adora medicina, que era um grande médico, para vir para a luta política, aquilo para eles foi um... um pedaço deles que saía. Mas compreenderam depois. E depois nos ajudaram. Isso foi, talvez, importante. Nunca falaram: “Logo pelo PT”. Nunca. Sempre... Porque o papai, desde a gente estava no movimento estudantil, ele empurrava a gente para ir para esse mundo mas para ter uma autonomia. Isso foi muito bacana. A gente deve muito a ele isso. Então tinha que ler o jornal mais crítico, tinha que os livros mais interres... E aí, a gente meio que ganhou consciência política junto com o PT, com aquele movimento que o PT expressava, que era o movimento social que estava acontecendo no Brasil. E a gente virou...

M.M. – Mas depois ( ).

J.V. – Então o Tião militou...Agora, uma coincidência. O Tião militava em Belém, eu militava aqui, na mesma tendência, sem se conversar. Carioca que era meu... Na mesma tendência. Aí foi... E nunca falamos ‘ah, tem que ser o PT’, não. Aconteceu. Eu aqui, ele lá.

A.F. – Mas vamos voltar um pouquinho. Só pela questão da cronologia. Então você ficou lá em São Paulo, em Rancharia, de 75...

J.V. – Não. É. Não. Fui... Fiquei até... Não. Fui no final dos anos 70. Fui para o Acre, fiquei um período. Morei um período com Tião em São Paulo, fazendo...estudando um pouquinho, e também fui ajudar um pouco no Acre. E aí, depois...Aí vim para cá, e o Tião foi para Belém. Aí nos separamos. E eu vim fazer engenharia florestal aqui.

A.F. – Só para a gente ver os anos direitinho.

J.V. – Não. Aí foi já no final dos anos 70, eu vim para cá...

M.M. – Você entrou na universidade quando?

J.V. – Na UNB. Aí o Tião, o Tião, na Universidade Federal do Pará. O Tião foi um ano, um ano e pouquinho depois de mim. Mas como medicina é mais longo... Aí, quando ele foi lá, já entramos no movimento estudantil, lá e cá. Foi um pouco antes das diretas. A minha fase final aqui foi a campanha das diretas. Eu já estava indo embora. Aí a gente entrou na campanha das diretas. Ou seja, a gente ficou militando no movimento estudantil atrelado ao PT, vinculado ao PT. Nunca participamos de outra força política...

M.M. – Mas você entrou na universidade em que ano?

J.V. – Então. Em...

M.M. – 80?

J.V. – 80. 80. É, em 79, eu estava aqui. 80 que a gente entrou. Aí nós começamos a militância. Eu lembro, Lula ia muito na UNB, fazer palestra no anfiteatro, lá fora. E Lula era uma... E o PT se organizando, e nós nas tendências, no movimento estudantil, por causa da idade. Então, nunca fui ligado a nenhuma outra força política, nada.

A.F. – E no caso, vocês entraram no Trabalho. A tendência de vocês era...

J.V. – Não. Não. Era mais ligado à Caminhando. Caminhando. Aí os gurus dessas tendências era o Genoíno, era o Tarso Genro. Aí depois, claro, depois veio... Aí o Carioca pode até ajudar a clarear um pouco. E ficamos em situação diferente, porque estava um movimento político no Acre, e nós estávamos aqui. Enquanto isso, Marina, Carioca, o pessoal estava no movimento estudantil na Universidade Federal do Acre. Binho, governador Binho, do Acre, também pela Caminhando. Quando nós fomos para lá, eu acho que o momento do encontro se deu na campanha das diretas. Na campanha das diretas, o Tião chegou lá, num período de férias, eu também cheguei, e o pessoal de lá, nós criamos um comitê juntos. Foi criado um comitê, que envolvia, pela primeira vez, gente do PC do B, que nunca... Só tinha a disputa do movimento estudantil. E ali foi a primeira tentativa de criar alguma... alguma...

A.F. – Deixa só voltar um pouquinho, porque acho que tem uma questão importante aí, que é a seguinte. Está falando do Lula, acho que essa conjuntura ajuda bastante a explicar isso. Mas como é que você lembra, assim, esse momento de... Você já falou sobre seu pai, tem toda essa coisa de...uma série de... uma prática política, que você até hoje respeita, admira, que certamente foi importante na tua formação, na de vocês, tua e do Tião. Mas essa questão ideológica mesmo, quer dizer, o momento político-ideológico, digamos assim. Teu pai teve uma trajetória política no campo mais conservador. Quer dizer, quando é que você começa a ter na tua cabeça uma visão de esquerda? É na universidade? É um pouquinho antes?

J.V. – Foi lendo. Não. Foi lendo. Foi lendo. Antes da universidade. No final do... Nos anos 70 a gente vivia uma situação no Brasil ainda...

M.M. – É, da ditadura.

J.V. – Gente sendo morta, gente sendo presa, gente sendo mandada para fora. Foi naquele momento...

M.M. – No Colégio Agrícola tinha um movimento?

J.V. – É, no Colégio Agrícola, e também no Acre, porque meu pai me empurrou muito para ler. E aí, eu gosto muito de biografia, aí fui ler todos os livros que eram lançados naquela época, que era possível. Então, naquele momento... E foi engraçado isso, porque o papai, ele era... ele era... Até, mais à frente, a gente vai falar. Mas, na eleição das diretas, ele votou pelas diretas. Mas enfim. Naquela época então, estava começando a germinar a história da redemocratização do país, de fim da ditadura. Então foi ali, naquele período. Mas só que não o PT ainda, porque não tinha PT. Eram forças políticas e tal. Mas, mesmo aí, eu nunca me interessei pelos partidos que tinham antes. Quando foi no começo dos anos 80, aí já foi mais tendência, e o PT estava nascendo, e aí já foi direto ali. Mas o despertar foi um pouquinho antes.

A.F. – E você, antes mesmo de entrar na Caminhando, você já se considerava socialista, já tinha essa visão.

J.V. – Eu já me colocava como de esquerda, porque queria que aquele quadro mudasse.

M.M. – Contra a ditadura.

J.V. – Contra a ditadura, que aquele quadro ali precisava mudar; quer dizer, redemocratização. Não tinha uma posição... E aí, desde o começo, eu sempre lutava para não ganhar nenhum rótulo, nenhum carimbo, não ser de uma...E mesmo a minha aproximação aqui, no diretório, que eu sempre ajudei...

M.M. – Por que você optou pela Caminhando?

J.V. – Isso aconteceu naturalmente. O lugar que eu militava, que era no Centro Acadêmico AgroFlor, os companheiros também tinham afinidade maior. E eu lembro que a gente começou a fazer movimento aqui, logo no comecinho, que era... já estava elitizada um pouco, aqui, a UNB, e aí nós começamos a criar um programa, para ver se a gente conseguia mobilizar alguém para o Centro Acadêmico. Falamos: pô, vamos criar um programa de horta na fazenda que tem aqui. E aí a gente começou a convidar algumas figuras para ir para... sábado, para a horta lá, e discutir um pouco. Só que, ali, a gente criava um ambiente mais crítico, para política agrícola, extrapolava para fome, que estava presente, e a gente politizava a implantação de uma horta. E também, nós resolvemos adotar, criamos uma coisa chamada mural. O mural do Centro Acadêmico AgroFlor, que era muito forte. Era do ( ). O pessoal... Tinha saído muita gente... Tinha o... Tinha uma memória da perda do...do nosso amigo aqui da UNB, do DCE...

– Do Honestino.

J.V. – Honestino Guimarães. Estava muito presente. E nós resolvemos criar um jornal mural. Aí criamos um jornal mural no Centro Acadêmico Agro-Flor. E eu era um dos coordenadores desse jornal Mural. A gente lia os jornais da semana inteira, dividíamos por área, e a gente pegava papel, desses que a gente faz as faixas nas universidades, e a gente fazia um mural enorme. E, toda segunda-feira, ficava muita gente lendo, porque a gente fazia um resumo das matérias, alguns comentários e tal. Assim, coisas que começaram a fazer a gente ter... organizar um pouco uma visão crítica que a gente já tinha. E aí, com isso, nesse ambiente, é que a gente se aproximou dos companheiros. E aí, também, essa tendência começou a, de alguma maneira, ter influência na eleição do DCE. E o meu centro acadêmico

começou a ser o que indicava. Aí estava o (Egmar, Aída ) e tal. Então foi uma coisa, eu diria assim, bem natural, que aconteceu... algo somando. Não foi... Não tem um corte.

M.M. – E essa sua idéia de escolher fazer engenharia florestal, foi já por conta dos problemas ( )?

J.V. – Não. Aí já é o fato de ser do Acre, de ter lido muito sobre a história. O Acre tem uma história singular. O Acre...Não tinha ainda um grau de consciência da temática ambiental. Tinha do ponto de vista da realidade. O Acre é um estado cheio de floresta. O Acre está... Toda atividade nossa foi ligada à floresta. Então... Eu sou um dos primeiros a me formar em engenharia florestal, do estado. E aí, aí foi uma opção mais minha, não foi influenciada... Foi influenciada pelo que eu li e pela proximidade minha com a própria história do Acre. E eu sempre gostei.

– O Colégio Agrícola...

J.V. – Não. O colégio, era a parte mais agrícola e tal. Então... Aí eu não me perdi, eu voltei para o tema original, para a base.

A.F. – Você estava na tendência estudantil, e você participou, você se integrou no processo de formação do PRC mesmo?

J.V. – Não. Não. Eu fui um... Aí o Carioca pode até falar. Fui uma espécie de um... um próximo, e as duas conversas de pessoas que tinham... na época que o Chico Floresta também atuava comigo, e aí ele estava numa posição um pouco mais raivosa, radical, porque era o pessoal da ala vermelha, que tinha também, que procurava... Aí eu estanquei algumas coisas, porque, também, já estava tendo alguma crítica à idéia de você ter um centralismo democrático. E eu nunca fui muito disciplinado, apesar de ter lado sempre. E na época eu falei: não, vou ficar aqui, numa colaboração e tal. E logo depois (eu não fiz fé,não) o pessoal saiu. Então eu falei, melhor eu não ter entrado, para não entrar e sair, já de vez. Mas... E o Carioca até podia dar uma opinião. No fundo era mais ligado à tendência do movimento estudantil, e não me...

A.F. – Era exatamente essa distinção que eu queria fazer.

J.V. – Não me institucionalizei no PRC em nenhum momento. Apesar da relação exclusiva, quase, com os companheiros do PRC. O Chico Mendes, a Marina, o Binho, o Carioca, todos. Fala aí.

A.F. – Genoíno...

C. . – Exatamente. Tipo assim. Em 86, quando foi a eleição da Constituinte, foi quando eu tive uma relação, um laço mais forte com o Jorge.

J.V. – Foi depois das diretas, em 84...

C. . – Em 84, depois em 86. Porque nós fizemos uma chapa para eleger a Marina... para eleger o Chico Mendes. E a Marina entrou...

J.V. – A deputado estadual.

C.. – É, para deputado estadual. E a Marina entrou como candidata a deputada federal constituinte, depois de ter perdido a eleição para o DCE da UFAC. E aí era... O slogan da chapa era um slogan que o PCR adotou no Brasil inteiro. Era: “Nem o passado como era, nem o presente como está. Por um futuro socialista”. E isso estava chancelado no cartaz em que estava a Marina e o Chico Mendes. E o Jorge Vianna é quem cuidava, era o nosso marqueteiro da época, que cuidava dos programas de televisão da Marina e do Chico Mendes.

J.V. – E o Binho. Eu e o Binho. Os dois.

C. . – Isso. A Marina perdeu, o Chico Mendes foi uma reve... O Chico Mendes perdeu, a Marina foi a revelação da campanha. E foi nessa época que esse laço ficou muito mais consagrado. Então Jorge tinha uma relação orgânica com o pessoal do PRC, sem ser do PRC.

A.F. – E o PRC do Acre nesse momento, então, já estava no PT.

C.. – Isso.

J.V. – Não. Sempre esteve.

A.F. – Sempre esteve. Eu pergunto, que isso também não está ( ). *(Falam juntos)*

J.V. – Não. Porque no caso nosso lá, o Carioca, a Marina sempre foram do PT. O Binho também. Sempre... Vieram do PT. Vieram, obviamente, para tentar instrumentalizar.

C.. – Isso. É. Nós entramos em 85. Eu, a Marina e o Binho, a gente militava no PT sem ser filiado.

J.V. – Exatamente. Todo mundo.

C.. – Aí em 85, quando da eleição do Cardoso, a gente entrou, para dar quorum para ele ser candidato a prefeito.

A.F. – Porque no Rio Grande do Sul, por exemplo, o PRC demorou um pouco mais a...

M.M. – A entrar. Lá é um pouco diferente.

J.V. – É, exatamente. Aí, o que é que acontece? Eu fui um dos coordenadores da campanha do Chico Mendes e da Marina, de 86, que eu já estava lá. Eu morava num quarto, lá em Rio Branco, era engenheiro...

A.F. – Você retornou para lá em 85...

J.V. – Não. Eu voltei no final de 84, começo de 85, voltei para lá e fui trabalhar numa área... Que aí já foi a origem, também, de outro lado dessa história. Eu fui trabalhar numa coisa chamada Laboratório de Madeiras. Aí, lá, fui acolhido por alguns companheiros, que me convidaram, que era o Gilberto Siqueira, que também, por acaso, junto com Monteiro, tinha atuado no PRC no Mato Grosso do Sul e que era muito amigo de um outro companheiro nosso lá, que é amigo irmão meu, que hoje é assessor político do governo, chamado Antonio Monteiro, que era muito amigo meu. Aí o Monteiro disse: “Bom, Jorge, aqui, estamos precisando de um engenheiro florestal, então tu vem”... Quando eu chego lá, de novo, encontro com o mesmo... Então não tem... Aí eu entro lá, para trabalhar nesse Laboratório de Madeiras.

M.M. – Qual era a natureza desse laboratório? Era governamental? Era uma ONG?

J.V. – Não. Não. É governamental. Era um órgão ligado à Secretaria de Indústria e Comércio do estado. E era a primeira vez que estava se tentando fazer um movimento para

lidar com madeira; porque era um produto, na época, importante. E eu, um engenheiro florestal, o Acre não tinha engenheiro florestal, então, cheguei já ali para entrar. E me encontrei com Gilberto Siqueira, que foi uma pessoa importante também na minha trajetória. Porque ele era o presidente desse laboratório, um cara muito dinâmico, que depois virou meu secretário de Planejamento, quatro anos na prefeitura, oito anos no governo, e depois, quatro anos no governo do Binho. E agora saiu, por uma opção mesmo, ele deixou de ser do governo do Tião, e está ajudando de outra maneira. E eu quando fui para lá, chegou o acreano, porque o Gilberto Siqueira era do Mato Grosso do Sul, e o outro engenheiro que tinha lá, que chamava Sérgio Nakamura, um japonês, vinha de São Paulo. Chegou junto comigo. E eu era o acreano, aí eu dei a roupagem de dar um enraizamento naquela idéia de mexer com madeira, aí misturou e foi para a floresta.

A.F. – Explica um pouco melhor qual seria o objetivo do laboratório.

J.V. – Não. O laboratório era apenas para fazer um melhor aproveitamento das madeiras. Você ter certificação, qualificar... Não digo certificação. É você ter um maior conhecimento da madeira, para aplicar na construção civil, na habitação... Enfim, era isso. Para dar suporte para isso. Fazer estudos e pesquisas para ampliar o número de madeiras que estavam sendo usadas e tal. Sempre focada em madeira.

A.F. – Para dar uma orientação técnica para as madeiras.

J.V. – Para as madeiras, dar suporte técnico. Logo, um ano depois, nós chegamos à conclusão... E aí eu devo ter colaborado de uma maneira, falando: isso aqui não vai dar certo. Um ano depois...Aí eu estou falando de 85, final, 86. Aí nós já tínhamos o problema do Chico Mendes já junto com a gente. Que aí vem um posicionamento mais ideológico. Nessa época... E aí tem uma passagenzinha. Quando eu estava ainda terminando o meu curso aqui na UNB, o Chico Mendes, o Conselho Nacional de Seringueiros vai fazer o primeiro encontro nacional do seringueiro; e faz exatamente na UNB, na sala, no mesmo lugar que eu estava. E ali eu fiz as primeiras conversas que o Chico lembra. Quer dizer, lembrava. O Chico Mendes. Ali eu fiz um contato. Eu estava indo embora. Na hora de ir embora... *tem um encontro nacional de seringueiros aqui*. Aí eu presencio, participo, que era no lugar que eu freqüentava. Então, veio para mim. E eu assisti o primeiro encontro. A Maria Alegrete que ajudou a coordenar, e



o Chico Mendes foi a grande vedete. Aquilo, estava começando a ganhar força o movimento em defesa e criação dos povos da floresta, em defesa da floresta. Vinha uma ideologia um pouco diferenciada para os movimentos sociais. A componente ambiental, até aquela data, ela não estava muito presente. Era mais terra, trabalho e liberdade do que a natureza, do que o meio ambiente. Aquilo ali foi determinante também. Porque o Chico Mendes na época, essa coisa da CUT, do PT, não entendiam isso ser uma prioridade. Então, ele tinha dificuldade. Porque ele dizia: “pô, o sindicalista, em vez de cuidar aqui do cara, está querendo botar negócio de meio ambiente?” E para o PT, a mesma coisa. Mas ali nascia uma coisa que vinha da sociedade, que reuniu seringueiros da Amazônia inteira, e veio para cá, para Brasília, para chamar atenção. Então ficou uma agenda muito forte. Quando eu estou lá no Acre... Então, eu já me... me encontrei com essa agenda aqui; terminando a... indo embora. Quando eu cheguei lá, eu chego no Laboratório de Madeiras, falei: não é madeira, tem a floresta, doutor. E dentro da floresta tem gente. Então eu comecei a dar (uma raiz ). O Gilberto Siqueira falou: “Pô, isso aqui é uma beleza”. Aí nós começamos a mudar. Não era para dar suporte para a indústria de construção civil, nem nada. Aí a gente começou a botar o mapa do mundo na parede. Onde eu trabalho, tem sempre um mapa do mundo onde eu trabalho. Para a gente se situar melhor. Qual é nosso papel nesse mundo. Então a idéia... Aí, um pouco de formulação, de leitura, de aprendizado, de fazer uma coisa mais universal; uma luta um pouco maior. E a questão ambiental começa a ser central. Mas a ambiental pelo viés de a gente usar os recursos naturais. Não é um ambientalismo que tenha um posicionamento só de proteção e conservação. Não. É de você fazer com que a vida da gente melhore se a gente se relacionar melhor com os recursos naturais.

M.M. – Acho que era uma coisa importante, para a gente registrar aqui, você dar um pouco esse contexto do que estava acontecendo no Acre nesse momento; que leva vocês a... Quer dizer, porque todas essas idéias, elas emergem a partir de uma situação que estava acontecendo.

J.V. – Muito bem. Eu acho que é muito importante o que você está pondo. Porque o Acre é um estado assim... Eu tenho que contextualizar isso. O Acre é um estado que virou parte do Brasil com o Tratado de Petrópolis, foi ocupado por brasileiros, e aí minha família foi para lá, subindo os rios na Bolívia, do Peru e do próprio Brasil. Houve uma revolução acreana, quer dizer, um gaúcho sai... Antes dele, então, vai um Galvez, um espanhol -, para

alguns, aventureiro, mas um cara muito inteligente, muito especial -, vai para lá e tenta mediar... Porque como os rios correm para dentro do Brasil, então... e a borracha era o petróleo na época, o ouro negro, eles foram ocupados por brasileiros. Então os proprietários desses rios, das cabeceiras desses rios, Bolívia e Peru, não tinham como acessar esses próprios rios, que eram ocupados por brasileiros. No começo do século passado, a borracha era o petróleo, ela compensava gente sair do mundo árabe e se implantar no Acre, que ele tem uma colônia de árabe muito grande, porque tinha um comércio grande; portugueses, gente do Nordeste, de todo lugar. Uns para serem explorados e outros para explorar. Mas o certo é que houve uma ocupação grande. E criou uma situação de brasileiros ocupando territórios peruanos e boliviano, para desenvolver uma atividade altamente rentável. Era a terceira na balança comercial do Brasil. Tinha ocorrido a revolução industrial, o mundo estava se industrializando, o carro estava surgindo, e a borracha era quase tudo, no mundo. Então o Acre era o maior produtor de borracha. Então, esse território do Acre foi muito disputado. Quer dizer, a gente já nasceu vinculado à floresta. Já nasceu vinculado à idéia de internacionalização. Eu sou filho disso. Então, o PT do Acre, todo ele nasceu nesse contexto. A internacionalização nunca nos assustou, porque o Acre, ele já... tudo que produzia ali era para vender para o mundo. A conexão nossa era com o mundo. A ocupação nossa tinha a ver com a Europa, com vender para os Estados Unidos. Então esse negócio, de alguma maneira, precisava ser resolvido. Aí os bolivianos e peruanos falaram: *olha, tem uma invasão no nosso território. Vamos acertar aqui.* O governo brasileiro disse *tudo bem, vamos acertar. Isso aí é de vocês.* Os brasileiros que moravam lá falaram: *negativo. Isso aqui é parte do Brasil.* Mas o Brasil não quer. O Brasil não podia querer. Criou-se o movimento, que a gente chamou de revolução acreana. Foi feita uma guerra formal com a Bolívia. O Plácido de Castro, que foi, depois do Galvez... Aí o Galvez criou o estado independente do Acre, no finalzinho do século retrasado. (Século XIX) Aí criou o estado independente do Acre. Aí o governo brasileiro colaborou para que os bolivianos retomassem o domínio político do território. O Galvez foi deportado, mandado embora. Então é uma figura importante na história. Depois chega o Plácido de Castro, um engenheiro agrimensor que estava atrás dos campos naturais, um gaúcho com formação militar. E quando chegou lá, foi depois do Galvez, falou: *espera aí...* O pessoal que estava lá falou: *olha, nós precisamos...* Ele falou: *não, vocês nunca vão conseguir se não organizar.* E disciplinou. Criou um exército regular, com mais de seiscentos homens, treinado, fardado, bonitinho, e enfrentou o exército regular da Bolívia, no que a

gente chama de revolução acreana. Derrotou o general Pando, que era o ministro da Guerra da Bolívia, que dá nome ao território vizinho nosso. Quando o fato consumado, o barão do Rio Branco fez o Tratado de Petrópolis; assinou um acordo, comprou o Acre, pagou, ajustou, prometeu a estrada Madeira-Mamoré, a estrada de ferro. E, com os peruanos, também foi feito um acordo. Aí o Acre passa a ser Brasil. Então, o Acre vem produzindo borracha, era grande área produtora de borracha, já como parte do Brasil. E quando a borracha caiu, com a ida de sementes e o plantio começando no sudeste da Ásia, e com as doenças, na tentativa da Ford de implantar, em Santarém, de implantar... (estou até lendo Fordlândia) de tentar implantar aqui... aí dizimou os seringais plantados, por conta de uma doença chamada *mal das folhas*, e que criou um problema. Aí, com os seringais plantados, que tinham na Ásia, no sudeste da Ásia, levou à falência de alguma maneira aquela atividade econômica, que era quase que exclusiva. O Acre entrou em declínio na segunda metade... na última metade do século passado. E quando chegou nos anos 70 estava o caos. Porque quando veio a guerra de 45, lá, o Acre ressuscitou, porque mandaram gente de novo, o preço da borracha foi lá para cima. Como os seringais do sudeste da Ásia ficaram na mão dos adversários, os aliados vieram para cá. Então o Acre ressuscitou de novo. Mas quando foi no final dos anos 60, a falência do Acre. Nos anos 70, entra um governo, diz *olha, a floresta é um problema. Vamos tirar essa floresta e botar gado*. Isso aconteceu na Amazônia. O Acre sofreu muito com isso. Entraram os sulistas: paulistas, pessoas do Paraná, pessoas do... de vários lugares. Incentivados pelo governo. Convidado. Um terço do Acre trocou de mãos em quatro anos. O que era um lugar tradicional, que tinha famílias tradicionais, que tinha seringueiro virou propriedade, vendida por preço de nada, para fazendeiros, que começaram a tirar a floresta e implantar capim. Esse negócio está na origem do movimento do Chico Mendes. Chico Mendes era um sindicalista como todo sindicalista do Brasil. Mas estava vindo um movimento de transformação do ambiente do Acre. A floresta estava sendo derrubada e estava sendo colocado... em vez daquela ocupação histórica, do seringueiro morando na floresta e tirando o seu sustento da floresta, veio uma atividade que era desconhecida para lá, que era a criação de gado. E essa... Para uma pessoa criar gado, ele tem que tirar quem está, o morador lá, tem que tirar o seringueiro de lá. Ou seja, ele tem que comprar grandes áreas, derrubar tudo, queimar, plantar capim; mas, para isso, tem que tirar as pessoas. Aí começaram a expulsar pessoas, começaram a ameaçar pessoas. E aí houve um movimento muito grande de pessoas, que tradicionalmente viviam na floresta, para as cidades. Surgiram

as periferias das cidades. E o Chico Mendes começou a fazer a organização, nos anos 70, de um movimento social, junto com a igreja. Que teve origem... Então aí pulei uma coisa. A nossa formação está muito vinculada à Igreja Católica, com as comunidades de base.

M.M. – A sua família era católica?

J.V. – Sempre. Eu também.

M.M. – Você tinha proximidade com as comunidades?

J.V. – Tinha. Mas não foi por causa disso. Aí minha família era católica tradicional. Mas assim, Clodovis Boff, Leonardo Boff, todos eles muito vinculados ao bispo nosso, dom Moacir. Dom Moacir está na origem da formação desse movimento social de resistência a essa mudança econômica, que o Acre estava experimentando a partir das políticas públicas. Tinha as comunidades de base que tinham a ver com a mudança que a igreja queria fazer, e o Acre virou um lugar especial. Lá, era a concretude.

A.F. – O laboratório.

J.V. – O laboratório, a concretude. Então o Clodovis, o Leonardo Boff desenvolveram muita atividade e teorias lá, vivendo e morando lá. Clodovis viveu lá muito tempo. Com dom Moacir, que era uma das referências da Igreja... da Libertação... Teologia da Libertação, e dessa igreja libertadora, que faz opção pelos pobres, o Acre foi um palco importante, durante o período... A CPT, o dom Moacir era dirigente... Então o Acre virou, na luta pelos direitos humanos, na questão ambiental e nesse movimento social... Imagina. Aí o Chico Mendes botou a componente ambiental, que não estava. Então tinha um movimento social vivo, forte. Deu-se uma ideologia para o movimento, diferenciada dos outros lugares da Amazônia. Estava ocorrendo a mesma coisa, desmatamento e tal. Mas ninguém fez a passagem. Aí o mérito do Chico Mendes. Então ele agregou a componente ideológica do movimento. Eu falo assim, que o Plácido de Castro nos deu, no começo do século, o território, e o Chico Mendes nos deu a herança ideológica. Eu acho que aí ele teve a grande sacada, o Chico, porque ele chegar na CUT, nos encontros do PT e dizer que lá no Acre, mil famílias... mil pessoas, duzentas pessoas estavam sendo massacradas, não é nada. Está tendo isso em todo canto. Só que aos milhares. E aí eu acho que quando ele falou - *bem, mas espera aí, eu só tenho um*

*jeito de defender o seringueiro que está ali dentro da área, que o fazendeiro quer derrubar a floresta e está pagando ou está expulsando ele dali ou tocando fogo na casa dele. Eu, em vez de defender o seringueiro, eu vou defender a floresta, que o seringueiro está dentro da floresta.* Ele fez a virada. Eu acho que aí foi uma sacada interessante. Não sei se conscientemente ou inconscientemente, mais como uma tática, uma estratégia ou mesmo uma ideologia. O certo é que foi, de novo, aí uma oportunidade. Só que o cara tomou essa decisão no período em que nós estávamos fazendo o movimento estudantil. Então nós viramos também depositários desse conhecimento. Então na formação nossa está o movimento da igreja católica, os movimentos sociais, sindicais, que começaram a resistir, e a ideologia e compromisso com o meio ambiente, com a valorização dos povos indígenas, criação dos povos da floresta e defesa da floresta. E por que é que o Chico Mendes ganhou então ressonância? Porque nesse período também, além do movimento de substituição de floresta e ocupação, estava se fazendo a BR 364, de Porto Velho para Rio Branco. Asfaltando. O banco, o BID... Desculpa, o BID. Banco Interamericano de Desenvolvimento. Não o BIRD. Não era o Banco Mundial, era o BID. Estava, pela primeira vez, financiando uma estrada. Estava começando, e financiava um terço do valor da estrada, cinquenta milhões de dólares, no asfaltamento de Porto Velho a Rio Branco. O Chico Mendes viu que aquela estrada ali podia, de novo, vir outro movimento de transformação lá, que os pequenos todos quebrariam. Aí o Chico começou a fazer um movimento exigindo... E aí teve um grau de consciência. Assessores foram importantes, Maria Alegrete e tantos outros, inclusive algumas relações internacionais, de ONGs internacionais, foram importantes para nós. E aí o Chico Mendes fez um movimento, dizendo *espera aí, tem que ter uma proteção para essas populações tradicionais e para o meio ambiente.* Aí foi criado, a partir dessa resistência no Acre, um programa, que o banco nunca adotava, o BID, que era o PMACI, Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas. Com isso... *(Pausa. Atende o telefone. Conversa)* Aí, gente, o Banco Interamericano... Aí a discussão do Acre, que não alcançava nem a CUT nem o PT com força, naquela época, porque as prioridades eram outras, ganha Washington. Aí houve uma aliança internacional, que não passava por São Paulo, nem pelo Rio. O Chico Mendes põe, vai lá para o Senado americano, vai para a assembléia do BID, apoiado por alguns senadores americanos, que aí não importa qual a causa que eles defendiam, e algumas ONGs. E o Chico Mendes começa a ficar... O caso do Acre começava a ganhar página do *New York Times*, antes de ganhar as páginas da *Folha de São Paulo* e do

*Globo*. De novo, o Acre está lá na confusão internacional. Isso não era estranho para nós. Então o PT do Acre foi criado nesse movimento. Uma coisa além de São Paulo, além das teses que a gente sempre defendeu. Então isso está na nossa origem, na minha, na da Marina, na do Binho, na do Carioca, na do Tião, na do... de todos nós, companheiros que temos na esquerda do Acre. Então o PT do Acre tem um diferencial de outros. De certa forma tem muita semelhança, a origem e tal, mas ele conseguiu agregar algumas coisas que em outros lugares não agregaram. E eu acho que aí foi uma das grandes e boas contribuições que nós demos ao PT nacional: trazer esse...

M.M. – Essa dimensão ambiental.

J.V. – Esse compromisso, esse... Começou a ganhar um pouco de consciência... Tudo bem, uns podem dizer que menos, e mais. Mas o PT também foi um dos primeiros partidos, no Brasil, a incorporar essa preocupação com o respeito às populações tradicionais, com a defesa do meio ambiente. Talvez não do tamanho que nós gostaríamos, nós do Acre. Mas é real, que vale o registro, dizer que o PT foi um dos primeiros a incorporar isso, por conta, em parte, (outras regiões ajudaram) desse movimento que o Chico Mendes representava. E em 86, a gente achava que se... o Chico Mendes já estava muito ameaçado, que se ele virasse deputado, virasse autoridade, ele podia se salvar, porque ele estava ameaçado. E aí eu e o Binho fomos ser coordenadores em Rio Branco. Carioca ajudava. Então a gente começou a pôr pela primeira vez a componente ambiental. Eu morava num quartinho atrás da casa dos meus pais, a gente ia para lá, e aí ensaiava a Marina. Porque tinha que fazer ao vivo. Então o Binho desenhava em isopor, a gente fazia umas árvores, uma paisagem, e eu ficava no conteúdo com a Marina; e a gente ficava ensaiando o conteúdo, com Toinho, com Toinho (Alves). Pessoal muito qualificado. Aí a gente ensaiava com a Marina. Mas ensaiava assim: fazia de um jeito, ela fazia muito melhor. (risos) Muito talentosa. Então o Binho ficava... a gente ficava segurando a placa atrás da gravação. (risos) Mas aquela gravação de quarenta segundos, que aparecia no programa, fazia as pessoas pararem na frente da televisão. Era produzido mesmo. E tinha um conteúdo...

A.F. – Uma linguagem nova também.

J.V. – Que ninguém tinha coragem de abordar aquilo. Porque defender o meio ambiente, não ganha nada. E o que é que deu isso. O Chico Mendes perdeu por poucos votos. Porque a gente não alcançou a legenda.

M.M. – Essa eleição foi qual?

J.V. – 86. E aí o Chico Mendes perdeu por poucos votos. E a Marina ganhou a capa do principal jornal, no dia da eleição, como revelação. A Marina teve três mil e poucos votos, e o Chico Mendes teve mil e poucos votos.

M.M. – Ela foi eleita a vereadora?

J.V. – Não. A eleição dela foi para deputada constituinte. Ela foi candidata para a gente eleger o Chico, e ela virou a revelação da campanha. Aí, em 88, o Carioca que foi um dos coordenadores, eu estava no Japão já, numa viagem... Sim. Aí a gente transformou o meu laboratório de madeira numa fundação. Porque a gente falava - *não, tem que ser fundação*. Uma fundação que virou...

– *Fala meu laboratório de madeira, vão pensar que era uma coisa privada tua . Não. O laboratório era do governo.*

M.M. – Não. Ele explicou que era da Secretaria.

J.V. – Laboratório do governo. Nós chegamos lá no laboratório, quando foi na eleição de 86, foi um problema, porque a gente militava na esquerda e a gente era funcionário do governo. E o lugar que eu atuava com o Gil era o lugar que dava respaldo técnico para o Chico, para as idéias nossas - de criar reserva extrativista, algumas idéias, que estavam começando a ser gestadas, de libertar os seringueiros, a gente é que transava. Aí foi feito um projeto (Gilberto Siqueira teve um papel importante) com o BNDES, para financiar populações tradicionais, que não eram donos das terras. O BNDES foi... Encontramos uns loucos, uns malucos beleza no BNDES, naquela época, que toparam fazer um projeto de ajudar a abastecer e criar um ambiente, com as cantinas, imitando um pouco dos índios, o abastecimento dos lugares, para o pessoal do Juruá, perto de Cruzeiro do Sul, se libertar do patrão. Que os caras eram obrigados a vender o que produziam ali e obrigado a comprar o que precisavam. E isso foi uma loucura. Encontramos gente no BNDES, e aí fomos nós que



fizemos, junto com o Chico, com o pessoal – Toinho, Gumercindo e o Binho foram os consultores desse projeto; que era lá onde eu trabalhava. Eu era diretor dessa fundação. Então, assim, quando passou 86, que houve a eleição de um governador, nós éramos ainda Laboratório de Madeiras, nós falamos – ó... Já estava bem avançado. Falamos: *se ficar como laboratório, nós vamos cair fora, vamos trabalhar nos movimentos sociais. Agora, se for criada uma fundação...* Porque nós também, lá, em paralelo, estávamos pensando o mundo. Se o Acre tem que mexer com floresta de forma sustentável, para a gente virar uma referência para a Amazônia, para o mundo. Sempre pensamos isso. Na sala do Gil tinha um mapa do mundo do tamanho dessa parede. Isso eu estou falando em 85. A gente já pensava em ser uma referência para o mundo. *(Pausa. Atende o telefone. Conversa com o irmão Tião)*

[Interrupção da gravação]

Aí nós tomamos uma decisão, falamos: *se ficar esse negócio de laboratório, cuidando de madeira... Nós temos que pensar, não é nem a floresta, temos que pensar o ambiente todo.* Aí surgiu, e a gente tinha feito, eu tinha ido já para o Japão, algumas coisas, já tinha uma rede de aliados... E aí tem um diferencial no PT do Acre, no movimento que a gente fazia. O nosso movimento, ele foi no primeiro momento de resistência, para a gente sobreviver, salvar o pessoal. Foi assassinado companheiros dentro do sindicato, em Brasília, como Wilson Pinheiro, ameaças para Chico. Mas era um movimento propositivo, interessante, que... e inovador, porque apresentava proposta de usar a floresta, de criar unidades de conservação, que não estava previsto na legislação, como reserva extrativista, de valorizar os índios. Então, eu acho que isso foi uma riqueza para o PT da Amazônia, do Acre e tal. Nesse período, era muito localizado lá no Acre. Mas... E esse negócio não dava voto, porque ele era a oposição àquele modelo que parecia ser o progresso chegando. O cara ali – tirar uma floresta que não produz nada e criar gado... Então, era muito difícil entrar por aí. Então a Marina cumpriu um papel importante na origem disso, foi muito importante. Ela conseguiu traduzir muito isso. E o fato de nós termos assumido a bandeira ambiental, de usar os recursos, de trabalharmos isso, foi importante. Eu diria que isso talvez diferencie um pouco, ou mais expressivamente, o PT que surgiu no Acre do PT que surgia em várias regiões da Amazônia. E na eleição de 86, a gente faz, a Marina vira revelação, e o Chico Mendes, por poucos votos, não se elege. E eu lembro que a gente tinha metas, eu e o Binho, o ex-governador, do PT também. Nós tínhamos uma meta de alcançar, pelo menos, uns duzentos votos para o Chico Mendes, em



Rio Branco; e nós dois, que viramos governador depois, não conseguimos. Não dava voto defender o meio ambiente. Era um... Aliás tirava. Muito. Então, passou a eleição, Chico...

M.M. – Imagino. Que devia ter um volume muito grande de pessoas comprometidas exatamente com o desmatamento.

J.V. – Mas nem quem estava comprometido, parece que não votava. Ninguém compreendia. Porque a história do PT do Acre (aí também tem uma lacuna, que eu pulei) ela tem uma relação muito interessante com o Lula. Eu queria fazer esse corte. Porque o Acre não alcançaria o que alcançou se não fosse o Lula. De jeito nenhum. Aí tem: a singularidade de ter um conteúdo, não ficar só na resistência, só na crítica, mas de ter uma ação propositiva. Mas o Lula, quando chega no final dos anos 70, o Chico Mendes e o João Maia, que eram expressão do movimento sindical e da Contag, o João Maia pela Contag e o Chico Mendes como sindicalista, foram procurar o Lula lá no ABC. E o Lula, com medo deles serem infiltrados da Polícia Federal, (o Lula até hoje fala isso, já falou isso várias vezes) falou: “Não vou receber esse pessoal aqui no sindicato, não. Pessoal do Acre? O que o pessoal do Acre está querendo fazer aqui?” Nos anos 70? “Estou com medo”. Falou: “Eu vou marcar lá no bar do Gordo”, acho. Foi no bar do Gordo. Marcou num boteco. Disse: “Manda esses caras irem lá para o boteco, que tal hora eu vou lá. Porque aqui no sindicato não tem política”. Até porque... intervenção... Era um risco. O Lula conta desse jeito. Aí o João Maia chegou lá: “Rapaz. Nós estamos vindo falar desse negócio do PT. Que negócio é esse?” Disse: “Ah, pô, vocês querem falar do negócio do PT. Então vamos”. Aí o Lula deu as fichinhas de filiação para os caras. “Vá lá, funde o PT”. Deu para o Chico Mendes. Disse: “Vá lá, ajeita o PT lá, que depois eu vou lá nesse Acre de vocês”. Então o PT do Acre nasceu abençoado pelo Lula, pelo Chico Mendes e o João Maia. Como tinha o movimento da igreja, que também já estava por outro lado... mas não foi pelo pessoal da igreja, foi pelo Chico e pelo João Maia. Em 80, logo depois, houve a morte do Wilson Pinheiro, que foi assassinado dentro do sindicato, que era o líder do Chico; como sindicalista, era o cara que estava um pouco acima do Chico Mendes, que na época militava mais em Brasília. Wilson Pinheiro foi morto ali dentro. O Lula, como sempre fez, largou tudo e foi, logo após a morte do Wilson Pinheiro, e fez o famoso discurso “está na hora da onça beber água”. E foi com isso que ele foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, foi preso. Depois ele foi preso. Usaram como argumento o processo contra ele no Acre. Foi enquadrado. Eu acho que o Sepúlveda Pertence

que virou o advogado do Lula na época, num outro tribunal, lá de Manaus. E aí o Lula criou uma relação com a gente logo que chegou lá. Porque ele fez um discurso, não mandando matar quem matou Wilson Pinheiro, mas falando que tinha que parar aquele negócio de ficar só contando os mortos e tal. Estava na hora da onça beber água. Pouco tempo depois, um grupo de pessoas matou o capataz de um cara que era tido como um dos que mataram o Wilson Pinheiro. Aí, a partir daí, o Lula sempre... criou uma relação com esse movimento, mais forte, e foi várias vezes no Acre. Quando o Chico Mendes foi assassinado em 88, o Lula, que estava, pela primeira vez, tentando tirar umas férias na vida, estava, salvo engano, indo para o Rio de Janeiro, que é uma coisa que ele sempre sonhou de ir, ali para o litoral, perto de Angra, com a família, aí falaram *mataram Chico Mendes*, ele largou tudo – dia 22 de dezembro, quando Chico foi morto – dia 23, o Lula estava lá, dia 24, o Lula estava com a gente lá. E sempre foi assim. Aí, naquela situação, o Lula foi. Quando foi em 89, o Lula foi quase presidente. Um ano depois... Sim. Aí, 86 foi um fracasso. 82, a Marina se elege a vereadora mais votada de Rio Branco. Carioca...

– 88.

J.V. – 88. Em 86, a gente perde, a Marina se revela. Em 88, a Marina é lançada vereadora em Rio Branco. Carioca era um dos coordenadores da campanha.

C. – Na época, você viajou para o Japão e a Malásia, e aí você nos procurou e aí disse: “Olha, eu não tenho como colaborador dessa vez participando, mas eu vou pegar minhas diárias e vou deixar aqui à disposição para a campanha de vocês”. (*Fora do microfone*)

J.V. – E tinha a tal da Brasília amarela, a Brasília, que a gente fez uma cota lá, doida. Mas assim, aí eu fui. E eu não podia votar porque... a minha viagem era de vinte e poucos dias, para a Ásia, e, de fato, eu justifiquei meu voto lá em Tóquio, na embaixada. Quando eu volto, foi em novembro, (era 15 de novembro, o Chico foi assassinado dia 22 de dezembro) aí a Marina é eleita a vereadora mais votada. Primeira vez. Porque o PT tinha elegido um em 82 mas expulsou o deputado estadual, que era de Cruzeiro do Sul. E aí não elegia nada e tal. A Marina vira deputada... a vereadora mais votada. Foi a primeira vez que a gente viu um contracheque de um vereador. Foi o PT. Ela ficou isolada, queriam cassar, um inferno. Mas quando vai 89, o Lula vira o candidato, nós estamos lá pregando cartaz, grudando coisa na...

coordenando a campanha do Lula. E aí em... quando chega no final de 89, o Lula perde, nós ficamos com um problemão lá no Acre. A UDR...

M.M. – Deixa eu voltar só um pouquinho. O Chico Mendes era uma figura central não só no contato do PT do Acre com o nacional, como era a liderança mais importante. Como foi o impacto do desaparecimento do Chico Mendes no contexto?

J.V. – Olha. E vou te falar uma coisa. Ele não era uma figura central quando foi assassinado, no movimento.

M.M. – Não?

J.V. – Não, não era. Ele era uma figura singular dentro do movimento. Ele era um dos que trazia algo completamente novo do que estava colocado. Não é, Carioca? Lá no Acre também, ele não era, a igreja tinha até mais força, ou achava que tinha mais. Mas força pequena ele tinha. Porque no fundo... tinha, mas aquilo ali era minoria. E o Chico era menor ainda. Mas ele estava trazendo algo que se comunicava com o mundo.

C. – O que ele...

J.V. – É bom tu falar um pouco, como historiador.

C. – O que ele falava, o conteúdo daquilo que ele expressava não era nem de longe entendido pelos acreanos. Por isso que ele não se elegia, tinha dificuldade. Ele não se elegia deputado estadual.

J.V. – A conexão dele era mais com o que estava nos Estados Unidos do que com o que estava no Rio de Janeiro. O ambientalista no Rio de Janeiro era acusado de ser o tomador de cerveja, de... e aí esse assunto não entrava muito na... não estava muito na pauta. Mas ele trazia o novo. Hoje é mais fácil da gente entender.

M.M. – Mas ele tinha um enraizamento... popular social muito grande.

J.V. – Tinha. Tinha... Não, não. Mas não o suficiente nem para ganhar mil votos. É incrível isso. Não sei como explicar. Mas o certo é que...

C. – Ele tinha, Jorge. Na realidade... Pegando aquele discurso dos partidos das esquerdas e da vanguarda. As pessoas que tinham uma preocupação, digamos assim, mais avançada, dentro das universidades, ele tinha uma relação, tinha um eco o discurso dele. E, obviamente, no embate da resistência que ele fazia no sindicato, ele tinha também uma audiência com as pessoas que o seguiam. Nada mais do que isso. Eu, na época que ele foi candidato, em 86, e que perdeu, para deputado estadual, eu era presidente do DCE da UFAC. Eu fui um dos que, como o Jorge, não conseguiu arranjar muito voto para ele, dentro da universidade. O pessoal não votava.

J.V. – Ninguém conseguia. Agora veja só. E tinha um problema. Naquela época, nós também gastávamos muito mais energia cobrando, cada um cobrando a coerência do outro companheiro, do que... para a teses que a gente acreditava e se comprometia...

A.F. – Eu queria que vocês falassem um pouco mais sobre isso.

J.V. – Aí o Carioca pode mostrar.

A.F. – Como era o PT do Acre nesse período. Quais eram as correntes, quais eram as lideranças anteriores, como é que foi a entrada de vocês.

J.V. – Não. Porque, no fundo, o que eu estou simplificando é o seguinte. Tinha um enfrentamento dentro do nosso campo. Era como se tivesse uma leitura de que – olha, nós ainda não estamos, ainda, fazendo a grande disputa lá, então... primeiro a gente tem que derrotar aqui os que divergem da gente. Então a energia era consumida nisso. E o Chico Mendes, num determinado momento, virou o alvo preferencial de ser combatido, pelos companheiros ligados à igreja. E os companheiros ligados à igreja viraram o alvo preferencial de combate dos companheiros ligados à tendência do Chico. E esse confronto me deixava inconformado.

A.F. – Do Chico, que era o PRC.

J.V. – Que era o PRC. Me deixava inconformado.

A.F. – Quer dizer... Só pa ra esclarecer bem esse ponto. O Chico chegou a entrar organicamente no PRC...

J.V. – Ah, é. O Carioca pode colocar isso. Organicamente.

A.F. – Mas vocês, uma parte de vocês, apesar de ser da Caminhando, não... (*Falam juntos*)

J.V. – Por exemplo, eu coordenava a campanha do Chico Mendes em 86, era um dos coordenadores em Rio Branco, mas eu não era orgânico do PRC. Era um aliado estratégico e era um... como é que eu chamaria? – próximo. Estava ali. Estava atuando no meio campo.

C. – Orbitava.

J.V. – É, orbitava ali. Era... Pior do que o resultado da eleição de 2006 (86) foi a avaliação da eleição no porão do ( ). Pior. Porque além da gente ter perdido, em 86, não ter eleito Chico, e a gente dizia *está correndo risco*, a Marina ter virado lá, foi avaliar. Que era obrigatório. A gente tinha um negócio... Parece que o prazer era fazer avaliação da campanha. Meu irmão, quando a gente chega naquela... Aquilo espanta qualquer figura.

C. – Foi um autoflagelo.

J.V. – Foi um autoflagelo. Está Chico Mendes de um lado, ligado, o pessoal da igreja ligado no outro, e o mundo... A guerra estava começando exatamente ali. Por isso que eu não... Aí o Carioca podia historiar um pouco.

C. – Eram três correntes que, naquela época, disputavam o PT, internamente. A corrente do Trabalho, que tinha o Osmarino Amâncio, (que vocês ouviram falar, conhecem) de um lado...

J.V. – O Aníbal Diniz, hoje senador. (ri)

C. – Aníbal era também da corrente do Trabalho. A corrente da Marina, que era o PRC...

J.V. – Marina, Chico, nós...

C. – A Marina, o Chico e o Binho, hoje o ex-governador, (aí se candidata a presidente da República). E o Chico Mendes, que é esse ícone que nós conhecemos. E do outro lado o

que virou a Articulação, que na época lá a gente apelidava a Articulação de igreja, o pessoal da igreja. Chamava assim. Que era tanta gente...

J.V. – É, o pessoal da igreja. Que era maioria.

C. – Maioria.

J.V. – No controle do PT e nos movimentos sociais.

C. – Exatamente. Então eles tinham uma... a pessoa que mais simbolizava o que a gente chamava de igreja é o Nilson (Mourão), que é suplente do Jorge Vianna. Então, nessa avaliação que ele tanto fala, o Chico Mendes foi literalmente satanizado, se é que esse paradoxo cabe aqui, já que é o pessoal da igreja que o satanizava.

J.V. – Mas não é o cara que?... É algum religioso que diz se o cara vai para o purgatório, para o inferno ou para o céu. Então tem que ser a igreja mesmo a decidir. (risos)

M.M. – Não. Mas eu acho que agora...

J.V. – Mas que decidiram que o Chico ia para o inferno.

M.M. – Acho que agora deu uma clarificada nas tendências.

A.F. – Especialmente, sendo um projeto do PT, eu acho que é interessante, porque os contextos regionais são diferentes. Quem é que estava em maioria, quem é que estava em minoria e tal.

J.V. – Não. E o movimento mesmo veio da igreja. O Chico Mendes também era ligado à igreja, no começo, ele era ligado à igreja; estava lá e tal. Depois é que o Chico separou, veio para um posicionamento político, e botou uma coisa, que até hoje é o nosso maior patrimônio, que é... deu sentido ideológico. Mas o Chico também era muito... no começo, no começo, no começo. Que ele tinha sido até...

M.M. – Essa discussão ambientalista, isso não sensibilizava esses setores mais ligados à igreja, não.

J.V. – Nessa época, também não. Aí separava, diferenciava mais ainda. Que era Pão, Terra e Trabalho. Não tem esse negócio de ambiental.

C. – Só mais um comentário. O Jorge falou, lembrou sobre a avaliação que se fez da eleição de 86. E eu recorde de 87, que foi a sucessão do diretório do PT. Se uniram a Articulação com o Trabalho para excluir o PRC.

J.V. – Exatamente. Aí foi um processo de expulsão.

C. – E aí a gente foi... A idéia era, o discurso era: saiam do PT, que vocês não são do PT. Esse era o discurso.

J.V. – Esse é um partido dentro do PT, querendo destruir o PT. Foi isso.

A.F. – Agora era uma época que a linha política do PRC também alimentava isso.

J.V. – Cabia esse discurso. Não. Cabia um pouco esse discurso.

A.F. – Os próprios documentos do PRC, eles davam essa... (*Falam juntos*) (Foi o que houve em Porto Alegre) Mas...

J.V. – Mas aí, gente...

A.F. – Então vocês, mesmo em termos de estrutura, direção, vocês tinham alguma participação no diretório do PT?

C. – Essa de 87, nós fomos literalmente... nós saímos da direção, porque não conseguimos os vinte por cento que o estatuto pregava. Em 88, quando a Marina se elege, (Jorge já falou sobre isso) aí a gente começou a ter uma visibilidade mais...

J.V. – Mas aí teve a CUT. Que aí dividia, a CUT. Que o Chico foi para a CUT, a Marina também. Lembra?

C. – Isso. Aí a gente voltou para a direção. O bom de tudo isso é que o Jorge foi a pessoa que chegou e... Nessa pedaceira toda, nessa desarticulação toda, foi o Jorge, a partir de 1990, quando ele efetivamente entra, para dizer o seguinte: *agora vamos...* Que ele pega e reposiciona os canhões do PT, que eram virados para dentro. Aí ele pega e falou *não, os*

*nossos canhões têm que ser para fora. E aqui dentro, paz. Guerra é lá para fora.* Foi o Jorge que conseguiu isso.

A.F. – Isso, na campanha para governador.

J.V. – Foi. Que foi naquele período. Então, quando chega em 89... Mas aí o que nos unificou também foi o risco de irmos todos para o inferno. Aí não tem escolha. Porque é assim. Quando chega em 89, o Lula quase presidente, nós ganhamos uma força no Acre, pela campanha que foi feita, mesmo, independente do Collor ter ganho no meio. Mas aglutinar trinta por cento do Acre, nós nunca tínhamos conseguido. Nunca. Aí Marina ganha uma projeção enorme...

C. – Governador ( ).

J.V. – Não. O governador de 86 teve acho que um ponto e alguma coisa. Dois mil e poucos votos. Um por cento dos votos. Menor do que o Nilson Mourão tinha tido lá no começo, em 82. E o Nilson Mourão, o Ibrahim Farah, que estava na origem, eram sempre os candidatos eternos, e iam diminuindo os votos. Até que chegou em 86, aí acabou. Então não tinha mais ninguém querendo disputar eleição majoritária dentro do PT. Ninguém topava. Em 86...

M.M. – Mas isso era geral. Ninguém queria. No Rio também. (ri)

J.V. – Não. Então... Aí vem a eleição de 89. O Lula vai, o que é que faz? Mobiliza todo mundo. E todo mundo se unifica, lá no Acre, em torno do Lula, pela primeira vez. Então o Lula aglutinou também, como fez no Brasil, mas lá no Acre especificamente. Quando chega no final de 89, a gente é derrotado. Aí... 89, o Lula perde. Vêm as eleições. Vai ter eleição em 90. Quando começa o ano, o que é que acontece? Collor ganhou, a direita ganhou força. Aparece, no Acre, um cara, que estava lá há quatro, cinco anos, chamado Rubem Branquinho, que é daqui de Brasília, engenheiro, e foi ser secretário do PMDB, a convite e está... Um estrangeiro. E o Acre com a coisa de acreanidade e tal. Aí...

C. – Xenofobia.



J.V. – Não. É qualidade. Não vai desqualificar o que é qualidade, pô. Eu penso que é qualidade. (risos) Aí esse cara, nas pesquisas, no começo do ano, ele já estava como o governador. Só que pela primeira vez ia ter um estrangeiro governando o Acre. Para nós, que lutamos para ser brasileiros, isso não cabia.

M.M. – Não dava.

J.V. – Não dava. É um lado que eu sempre... Aí falamos – não, não. Aí começamos a reunir, eu, Carioca, Marina, Binho, Fábio, Toinho, Elcio... Quem mais aí, Carioca? Era um grupo pequeno. Uns oito, dez pessoas. Começamos a fazer reunião. Que era o pessoal que vinha do PRC, que já não estava mais, porque ali já estava...

C. – Foi a fase crepuscular do PT. Já estava saindo.

J.V. – É, já não é uma coisa tão assim... Aí nós começamos a falar o seguinte – *espera aí...*

A.F. – A ala de esquerda.

J.V. – Sim. Aí o Chico Mendes tinha sido assassinado, que foi um corte para nós, duro. Porque depois do choque da morte do Chico, que nos deixou meio órfãos...

M.M. – Pois é. Nesse sentido que eu estava falando que ele era uma figura importante.

J.V. – Quando chega em 86 nós levamos uma pancada na eleição, grande. A avaliação foi um desastre. Quando chega em 88...

M.M. – É a morte dele.

J.V. – Aí o Chico Mendes é morto. *Agora, acabou tudo*. E nós ficamos... pô, sem eira nem beira, literalmente. Vem 89, a candidatura do Lula nos dá... E, inclusive, quem matou o Chico, o movimento, achava o seguinte – *está enterrado esse negócio. Aqui, acabou*. Quando vem a eleição do Lula, nos ressuscita, do ponto de vista de ter um projeto, de pensar, de sonhar de novo. Mas ainda desconectado do que Chico Mendes tinha colocado. Não houve conexão nisso. Mas, de alguma maneira, resolveu a parte política nossa interna, que ninguém se falava e eram inimigos. Os canhões, que Carioca está falando. Quando chega no começo

de 90, depois da derrota do Lula, nós estamos numa sinuca: o lado oposto ao nosso, não eram mais partidos tradicionais, era um pessoal da UDR. Ou seja, os que a gente achava que tinham sido responsáveis pelo fim da vida do Chico e pela nossa morte antecipada, do movimento social e de tudo que a gente acreditava e tentava construir, eles já estão quase com o governo eleito. Então, o PMDB governava, o cara não era, o cara era do PL, montou uma chapa poderosíssima e disse... Ele saiu do PMDB, veio para cá, apoiado por muita gente do PMDB. Já era governador. Aí nós começamos a fazer essas reuniões. E eu viajei para alguma coisa do trabalho, pela Fundação de Tecnologia, a Funtac, que era a minha Fundação, que virou uma referência de proposição, de projetos de sustentabilidade, e eu era o diretor. Viajo. A turma lá faz um complô contra mim, que eu faltei essa reunião, e fala – *tudo bem...* Porque nós estávamos discutindo ter um candidato ou candidata para enfrentar aquele cara. E nós tínhamos um pouco do conceito: pegar a bandeira do Acre, (está ali) pegar o hino acreano, a nossa história, juntar isso com a história do PT, dos movimentos sociais, e enfrentar o forasteiro que quer tomar o Acre dos acreanos. Era isso. Juntar a nossa luta recente com a luta dos nossos antepassados, misturar tudo e enfrentar o cara como acreano. Acreano, nós éramos quase todos acreanos, mas o Jorge é acreano e engenheiro florestal, então tem que ser ele. Me consulta a Marina, vocês me consultam, e eu falo *pô*, como é que pode? Eu sou o conspirador. Não posso ser vítima da conspiração. Porque ninguém queria ser. E a leitura que se fazia nesse grupo, que não era a direção do PT, ao contrário, era o seguinte: ninguém quer ser, não tem ninguém para ser; mas só que nós tínhamos um ideário, nós tínhamos um desenho, um cenário construído. *Pô. Nós vamos. Ninguém quer ser candidato pelo PT. O Jorge é do PT, nós somos do PT. Está aqui. Mataram o Chico. O Lula quase foi presidente. Vamos juntar todo mundo e tal. E esse movimento pequeno, de oito pessoas, que não era nem o próprio PT, ganhou força dentro do PT. O PT topou. E, logo em seguida, começou ali, esse grupo também, a criar o que a gente chama hoje de frente popular. Então veio o PDT do Brizola, veio o PC do B, que eram inimigos mortais, e eu consegui...*

C. – PSB.

J.V. – O PSB. Aí, de alguma maneira...

C. – O PV.

J.V. – PV. De alguma maneira aí, o meu papel, Carioca está exagerando nele, mas o meu perfil e o fato de eu nunca ter ficado cem por cento ali... Claro, eu sempre estive do lado de cá. O pessoal da igreja sabe que eu sempre fui do lado de cá. Mas eu nunca foi o atirador do lado de cá. E u sempre fui o cara tentando acabar os lados. Isso, pela primeira vez a gente se junta para um projeto local. Porque a gente se juntou para as diretas, se juntou para o Lula, mas não se juntava para um projeto local. Aí juntou todo o movimento social, então, em torno do meu nome e das propostas que a gente construía. Alguns acreditando, e outros não acreditando. Mas estava todo mundo junto. E esse negócio tinha uma solidez, uma substância, que... ele ganhou tanta força, que o cara que era o nosso quase governador eleito, que tinha 45% nas pesquisas no começo do ano, e o outro candidato do PMDB, que queria manter o governo na mão dele, perdeu para mim e para um outro cara que estava junto comigo no zero a zero, nas pesquisas, que era acreano. O discurso acreano nosso foi tão forte que levou outro acreano junto. E o outro acreano também surfou nele. Nós nos posicionamos muito mais com o discurso da acreeanidade, das bandeiras históricas – aí, sim, a gente botou a questão de não aceitar que venha forasteiro derrubar nossa floresta e botar fazenda e não sei o quê. Então nós carregamos na ideologia, no que não dava voto: no meio ambiente. Nós não satanizamos o meio ambiente, não. Juntamos isso e juntamos com a acreeanidade e com o PT.

M.M. – Identidade e memória.

J.V. – O PT, que o PT aí é herança do Lula. O Collor já estava fazendo... E eu fui para o segundo turno. A primeira vez que o PT foi para o segundo turno no Brasil, com governador, foi comigo, foi com a gente, lá no Acre. Lá e no Amapá, com o Gilson, no Amapá. Aí o pessoal do PT tinha que se dividir. Claro. Genoíno, o pessoal, tudo, por lá, por causa da relação histórica. E o Lula ficou lá comigo quase vinte dias, quase um mês, andando nos municípios comigo. Aí ficamos amigos, em 90. E quando chegou na hora dele ir embora... A gente dormia lá no mesmo quartinho, nas coisas mais precárias, no interior, andando, fazendo comício de dia e tal. Na hora de ir embora, o Lula falou: “Jorginho, se...” Aí criamos uma relação afetiva, pessoal; que ele já tinha com o Acre e já tinha com a história do PT do Acre, que ele estava no nascimento disso. O Lula foi muito importante em tudo, lá no Acre. A entregar a primeira ficha de filiação para o Chico Mendes e João Maia até nos ajudar a chorar nossos mortos, a fortalecer e tal. Quando vai, abre as urnas, eu perdi e... por uma diferença não muito grande, mas tive uma boa votação. Foi a campanha onde mais

ganhamos, foi a que nós perdemos, do ponto de vista eleitoral, foi a que mais ganhamos politicamente. Uma campanha inacreditável. Tinha fila para comprar a camiseta do PT. Fila. Porque a gente não tinha dinheiro de mandar fazer, a gente pintava artesanalmente. Era pintando, secando com ventilador, para o cara comprar a camisa do PT, ir para a rua. Isso não acontecia. Foi uma coisa fantástica. Ou seja, nós pegamos aquilo de bonito que houve em 89 e ampliamos, no caso do Acre. Nessa campanha foi a que nós mais ganhamos, apesar de não termos sido vitoriosos do ponto de vista do eleitoral; mas, do ponto de vista político, ganhamos muito. Consolidamos, então, Brizola... Nós fizemos a aliança, a aliança que todos queriam: Brizola com Mario Maia, que foi candidato, era senador. Então, ali, mudou tudo. E a Marina foi eleita a deputada estadual mais votada nessa eleição. E o Nilson Mourão foi eleito, também, deputado estadual, junto com a Marina, que era o cara que não ganhava nada, e que é... de alguma maneira simboliza o PT, o PT que vem da igreja. O PT... O Nilson sempre esteve na origem. E então... Ou seja, estávamos ali unificando, dos dois lados que queriam, elegeram os dois deputados, e não foi assim... Foi uma união mesmo. Houve uma grande união. E aí talvez, nisso, o meu perfil... devo ter ajudado, o jeito da gente trabalhar. Não sei se Carioca quer fazer um comentário.

M.M. – Você funcionava como um elemento de conciliação entre esses vários grupos. De união.

J.V. – Mais do que isso. Juntei também com os acreanos que não queriam nada com a política, empresários, setores médios e tal, pessoas que não tinham... Todo mundo se juntou em torno da candidatura, porque eu ampliava. Então eu tinha legitimidade no movimento, na história, na ideologia do trabalho mas eu ampliava. Então o PT ficou colorido. As nossas estrelas eram vermelhas, eram verdes, eram amarelas, eram... A gente não negou o PT. E olha que a gente estava falando, tinha caído o muro de Berlim. E aí tem um problema nessa campanha, que talvez valha o registro, já que nós estávamos falando de história. E é bom registrar. Uma passagem, que eu diria interessante. Nós tínhamos que escolher o vice, e nós queríamos escolher um vice do PDT e um vice de outro lado do Acre. Que o Acre é meio dividido com... Como Cruzeiro do Sul, que é uma coisa, que só se comunicava mais com o Amazonas do que com... Então lá a luta estava noutro estágio. E o Brizola era muito importante para nós, o partido do Brizola junto com a gente e tal. E aí nós descobrimos um

médico, que militou no Rio nos anos 70 e estava lá quando invadiram, que mataram o menino lá no...

A.F. – Calabouço.

M.M. – Edson.

J.V. – No Calabouço. Ele estava do lado. Ele era muito amigo do... do Zé Luis...

A.F. – Edson, Edson Luis.

J.V. – Edson Luis. Amigo íntimo. O José Alberto, que era médico lá de Cruzeiro do Sul, um militante tradicional da esquerda. Falei: “José Alberto. Medico e tal. Vamos para lá”. Nós discutimos. Vamos. Só que uns companheiros... Nós acreditávamos que aquele era um projeto para ganhar o governo e mudar a história do Acre; e alguns companheiros de partido –, eu acho, falo aqui, eu não quero fazer juízo mas –, não acreditavam; era apenas mais uma fase da luta. *(Entra o Diniz na sala)*

Oi, Diniz. Estou aqui com o pessoal da Perseu Abramo. Senta aí, Diniz. Pode dar um depoimento. Senador Aníbal...

M.M. – *Prazer. Marieta.*

J.V. – *E a Mariana, da...*

M.M. – *Marieta.*

J.V. – *Marieta, da Fundação Getúlio Vargas. Eles estão pegando o caderno memória aqui, para o PT. Sente aí. Porque daqui, o Tião, já falei com o Binho, daqui, a gente vai para lá.*

A. D. – *Eu acho que eu vou indo na frente.*

J.V. – *Tu vai para tua casa?*

A.D. – *É. Vou ter que dar uma passadinha lá. E depois encontro com vocês lá.*

*J.V. – Está bom.*

*A.D. – Que eu vou ter que dar uma passadinha lá no dr. Rodrigo, antes.*

*J.V. – Falou. Mas não demora não, hein, cara. Quatro e meia eu estou querendo estar lá. Cinco horas. Quatro e meia, cinco horas.*

*A.D. – Vou só deixar a notificação lá para ele. A gente se encontra lá. Fique à vontade, por favor.*

*M.M. – Não. Tudo bem.*

*A.D. – Eu vou ficar para a segunda leva de jurássico. (risos)*

J.V. – Está bom, Diniz. Aí o... Houve um episódio. Nós falamos, no núcleo. Então tinham alguns companheiros que eu acho que não acreditavam nisso. Nós falamos: olha, vamos lá no José Alberto. Aí eu... O José Alberto, eu descobri, não estava filiado a nenhum partido. Bem. Vou lá pedir, convidar ele para o PDT. Ele se filia no PDT. Beleza. No PDT porque... Uns companheiros do PC do B foram um dia antes, na minha frente, filiaram ele, sem ninguém saber nada, no PC do B. O muro tinha caído. E os companheiros do PC do B estavam naquela fase de fazer a propaganda do partido. Esse negócio de ganhar. Mas não vai ganhar nada. Ah, meu irmão. Quando eu chego lá, José Alberto disse... Eu fui convidar, eu digo: e aí, e agora, o partido? Ele disse: “Rapaz. Ontem, os caras vieram, me filiei no PC do B”. (risos) Eu falei, eu comigo, porque eu falei: pô, mas nós entramos nisso para ganhar. E não dá para enfrentar tudo ao mesmo tempo. Como é que num estado conservador e tal vai ser assim? E eu sabendo, conhecendo nossos companheiros do PC do B, que eles iam... E aí o José Alberto... eu digo: pô, esse aqui não vai dar. Aí a engenharia política, que a gente sempre começou a fazer, acreditando... Primeiro, a gente acreditava que ia ganhar. Falei: nós vamos ter que desfiliar o José Alberto do PC do B e filiar no PDT. Mas como fazer isso e não jogar tudo fora?

*A.F. – Não implodir.*

J.V. – Não implodir. Aí fui lá com os companheiros do PC do B, fazer uma coisa quase impossível. Falei: “Companheiros, eu tinha pensado assim. E eu estou nisso para ganhar. Vamos com calma. Nós temos uma fase aqui. Os caras estão querendo destruir a esquerda. Nós não vamos dar os mecanismos para destruir, não. Não vamos ir para um lugar e dizer nós estamos aqui. Atira”. Não. O certo é que foi feito uma engenharia. Conversei com a família de José Alberto. Digo: “fale com seus amigos, familiares, se isso aqui pesa - para gente ganhar o governo”, porque já estava acreditando que ia ganhar. Tinha zero nas pesquisas. (risos) Traço. Mas a vida sempre foi assim. Tem que acreditar para poder ver. E não como são Tomé, que tem que ver para acreditar. Isso ajudou o PT. O PT começou a ter fé, confiança. Vamos embora. O certo é que desfilamos o José Alberto, não saiu na imprensa, (risos) o PC do B não saiu da... Essa foi a primeira grande engenharia que me coube fazer. Eu digo: pô, depois de fazer um negócio desse aqui, eu acho que faço qualquer coisa. (risos) E o certo é que os companheiros do PC do B... Eu digo: “Vocês são próximos a José Alberto. Depois da eleição e tal, pode se filiar, meu irmão”. Foi isso aí que passou. E nós fizemos um movimento fantástico! Mobilizou o Acre inteiro. Era fila para comprar camiseta, voluntário... Nunca mais vamos repetir uma campanha daquela. Melhoramos a de 89, que já foi mobilizadora. Mas porque tinha um propósito, tinha um projeto, sabe, tinha uma coisa que cabia todo mundo, que não queria deixar... não era contra... Tinha uma propaganda da Mitsubishi. Eu sempre falo, quando vou fazer uma palestra. Eu assisti uma propaganda da Mitsubishi, em que eles falavam: “nós ganhamos dez vezes, ou nove vezes, o Paris-Dacar. Nós nunca ficamos olhando pelo retrovisor, disputando com o adversário. Nossa disputa era com o deserto”. Uma coisa forte *pra* caramba. Mais ou menos o que a gente fez lá no Acre. Nós largamos o negócio de ficar no retrovisor e querendo ver se... não deixa ninguém passar a gente. Vamos disputar o todo. Não vamos querer fazer crescer o nosso pedaço. Vamos disputar o todo. O Acre fez essa virada. Colocou como central o projeto de disputar o todo, sendo uma referência para o todo. Não é para o Brasil, é para o mundo todo. E orgulhando o PT. Então essa coisa...

C. – Eu lembro da sua fala, quando você falou para as tendências, e aí você desafiava dizendo o seguinte: “Sabe por que vocês não elegem deputado estadual? Porque vocês nunca disputaram o governo. Por isso que vocês não elegem”.

J.V. – Se você só eleger um deputado estadual, não ganham nunca. Vamos disputar o governo, que o deputado estadual e federal podem vir juntos. Não deu outra: elegemos. Ganhamos. Todo mundo elegeu. O PC do B elegeu um deputado estadual, que nunca tinha sido eleito, o PT elegeu dois, e aí começamos.

A.F. – É um crescimento...

J.V. – Quando foi... Aí foi um momento difícil. Eu fiquei dois anos sem ocupar função. Fui para uma ONG trabalhar. Isso foi importante para mim também, porque já não podia voltar para o governo, que eu tinha sido quase governador, e um outro que ganhou. Um ano e meio depois, o governador que me ganhou foi assassinado em São Paulo, no Della Volpe. Eu acho que, também, a gente não estava...

M.M. – Preparado ainda.

J.V. – Nós não estamos dizendo... Não tinha... Mas o Lula, quando chega... passa a eleição, ele me liga: “Jorginho... e tal. Pô. Parabéns. Não deu, mas...” Eu falei: não... Ele falou: “Você tem que se preparar. E eu quero que você faça algumas coisas, porque você vai ser prefeito de Rio Branco. E eu estou organizando”. Agora que ele está mexendo com negócio de prefeitura. Ele falou: “Você, o Patrus e o Jorge Bittar. Tem um curso lá em Canavieiras, com um cara que foi ministro do Allende, o Matus. Você vai fazer” – tal dia e tal, não sei quê. “Pô...” “Vá se preparando. Eu vou arrumar outros negócios, você vai fazer”. “Mas não tenho grana, não tem nada”. “A gente resolve”. Bolsa. Arrumou bolsa para mim, o PT ajudou. Lá fui. Fui eu, Patrus, Jorge Bittar não foi. Eu virei prefeito, Patrus também. O Jorge nunca foi prefeito do Rio. (risos) Eu falo para ele: “Tu não ouviu, cara. Tu não foi”. Então...

A.F. – Depois ele fez os cursos. (ri)

J.V. – Depois. Eu digo, agora é tarde. E eu fiquei amigo do Patrus ali. Conheci. Eu digo: “pô, o Lula me disse que você vinha. Cadê o Jorge Bittar?” Não veio, e tal. Aí conheci um monte de gente ligado ao Celso Daniel, (Miriam), o Gilberto Carvalho e tudo. Aí me... Quando o Lula foi lá... Quando nós fizemos o curso, eu adorei, Planejamento Estratégico Situacional, método PAS, (PES) do Matus, pô, aquilo ali para mim... começou a ver que eu



estava entrando numa gelada: eu queria ser governador, e não entendia nada de gestão e tal. Aí o Lula vai, fala o seguinte: “Tem um curso na Venezuela, de alta direção, o Matus também, que ele gostou de mim, falou, nesse período, “Não, você vai ter que ir”. Eu digo: “Mas eu não tenho como”. Disse: “Não...” Aí arrumaram bolsa, tudo lá, eu fiquei quarenta e cinco dias fazendo o curso, que abriu e preparou terreno para mim, de alta direção. Eu lembro que tinha um israelense, que eu não lembro o nome, o cara ganhava uma fortuna por dia, para dar aula só sobre agenda, cara. Eu nunca mais esqueci aquele cara. Agenda. A gente estudava a agenda dos grandes líderes do mundo.

A.F. – Gross. Um nome assim.

J.V. – Não lembro. Mas é uma sumidade no mundo.

C. – Nesse curso, o Barelli estava, não é? Barelli estava nesse curso que você fez. Walter Barelli.

J.V. – Olha, o Wander tinha ido, (secretário particular do Lula) e o Wander jogou fora também. Aí o Lula falou: “O Wander não encaixou”.

A.F. – O Luis Sérgio estava nessa turma?

J.V. – Não. Nessa minha, eu fui só. Mas o Luis Sérgio fez. Então... Aí foi um curso que me deu as condições de aprender o que é poder, como é que se faz, negociar – nós simulávamos... Era altíssimo nível. De alta direção. Mas altíssimo. Fundação Altadir, mais o Ildes, mais a Fundação Frederico Sheber. (Friedrich Ebert)

A.F. – O Ildes. É. O Ildes ajudou bastante...

J.V. – O curso era tão importante que, na época, o presidente da Venezuela foi lá, reunir com a gente. Era o (Carlos) Andrés Pérez na época. Era um baita de um curso. Era embaixador, vice-presidente da República, e eu lá no meio, do nada. A partir daí, com o pessoal do Ildes, com Claus, com Helô, que me ajudaram muito, desde sempre, o Claus e Helô sempre estiveram em tudo que é campanha, planejamento estratégico, governo, tudo. E a gente também, aí, incorporou uma outra componente depois disso: tudo que nós fomos fazer, a gente fazia o planejamento estratégico. Então, a campanha de 92 para prefeito, o que

fazer na primeira semana, na segunda. Nós fomos os primeiros a adotar. Antes de assumir, eu fui visitar e ler sobre todas as experiências nossas, inclusive as malfadadas, do modo petista de governar cidades; a situação de Vitória, a situação de São Paulo, a situação... todos os lugares. Então eu, talvez aí, a gente mergulhou nisso de ganhar experiência. Quando nós ganhamos a prefeitura de Rio Branco, e não foi fácil, porque aí a reação em cima do PT, do movimento... Nós ganhamos com trinta e poucos por cento dos votos. Só tinha um turno. Mas nós fizemos uma gestão inovadora. No meio da gestão teve a eleição para governador e para senador. Nessa eleição para governador, foi quando a gente escolheu o Tião, porque não tinha ninguém com esse perfil de ampliar mais e tal. Aí o Tião, que era médico, tinha recém chegado, “vamos escolher o Tião” e tal. E fizemos um plano, que alguns achavam que era suicida, que foi pegar a Marina e lançar Marina para o Senado. De deputada estadual para senadora. Mas não foi lançar para... lançar às feras, não. Foi lançar para ganhar. Porque tinham duas vagas. Nós falamos, “nós só vamos lançar uma”. Aí convencemos a esquerda de só ter a Marina candidata, e nós vamos pegar o voto, o segundo voto de todo mundo e o primeiro de alguns. Foi a mais votada senadora, de novo. Os caras diziam: agora acabaram, acabaram com a Marina, com tudo. E o Tião não foi para o segundo turno. O Tião, porque a gente não tinha nem condição dele... Só se aparelhasse a prefeitura, e nós não fazíamos. Teve seis municípios que a Marina e o Tião, de vinte e dois, não visitou, porque a gente não tinha condição de fazer a campanha, faltava dinheiro, material. E a gente nunca, nunca, no Acre, ficou dependente da nacional também. A gente sempre... A visão que eu tenho do PT é aquela que o Kennedy já falou, que o Lula, e eu repito sempre lá: a gente nunca ficou perguntando o que é que o PT nacional podia fazer por nós do Acre, pelos coitadinhos; mas sempre o que a gente podia fazer para o PT nacional ganhar força. Sempre foi assim, nas campanhas então... claro, uma tendência ou outra pode ter feito uso; mas, no geral, nós nunca fomos lá dizendo olha, precisamos de alguém para isso ou para aquilo. A gente sempre colaborou, e nunca exigiu nada para trabalhar. E isso foi uma marca nossa também, importante, desde o começo.

C. – Por isso que na época do mensalão, nós não ficamos arrolados naqueles que receberam o dinheiro.

J.V. – Eu sempre fui lá para dizer – em que é que a gente pode ajudar? – como governador, como prefeito. Uma disciplina. A gente nunca criou crises, nunca teve grandes crises ou crises que tenham sido significativas. Aí a Marina virou a senadora mais votada, nós

não fizemos a sucessão na prefeitura. Por quê? Porque foi um choque muito grande o jeito da gente governar. Mas nós fizemos uma ótima gestão, eu diria, mesmo tendo sido eu o prefeito. Uma ótima gestão. Reconhecida. Então não foi um fracasso, foi uma marca. E ter perdido a prefeitura...

A.F. – Em Rio Branco tinha segundo turno?

J.V. – Não. Aí nós pegamos um companheiro... Mas aí houve uma crise...

M.M. – Não. Pois é. Qual foi a tônica da sua administração na prefeitura?

J.V. – Foi cuidar da cidade. Ter uma gestão... A gente não ideologizou a gestão. Nós priorizamos a educação. O secretário da Educação era o Binho, que agora foi governador, era o nosso centro. Nós fizemos uma marca. Eu ganhei prêmio da Fundação Getúlio Vargas com um projeto chamado pólos agroflorestais. Virou uma marca, um conceito. Ganhamos prêmios internacionais. Que foi comprar áreas rurais entre... A reforma agrária lá e a reforma urbana, a gente disse: tem um pedaço aqui, que o ônibus passa. Compramos áreas pessimamente utilizadas, assentamos famílias de ex-seringueiros ali, em três, quatro hectares, e virou o pessoal que cria, que produz. Aí minha experiência também de... E um projeto, a Fundação Getúlio Vargas deu prêmios para nós. Ganhamos muita referência. E, dentro da cidade, nós começamos a criar os parques. Criamos o Parque Chico Mendes, criamos unidades... dentro da cidade, trouxemos a temática ambiental, botamos a idéia de cuidar... Assim, foi fruto já do planejamento que eu tinha aprendido, da gestão, do... A gente entrou com confiança. Fizemos uma boa gestão. Erramos um pouco na política. O PC do B dividiu com a gente. E por conta do nosso candidato ter sido um ex-companheiro do PC do B, eles não apoiaram, apoiaram outro. Dividimos politicamente. Mas não foi só por isso. Eu acho que a gente também tinha um pouco de arrogância. A gente estava fazendo o certo de uma maneira um pouco... não certa. Estava fazendo... O como fazer não estava correto. O que fazer estava certo. Mas foi uma administração premiada. E eu (discutia) com Jarbas Vasconcelos a maior aprovação no Brasil. Eu saí com setenta e quatro, setenta e cinco de ótimo e bom. Setenta e quatro, setenta e cinco. É recorde. Então foi... foi perfeito. E aí eu digo, o destino é uma coisa assim, a gente perdeu a prefeitura e ganhou o governo, então foi uma boa troca. Então quando foi em 96, a gente saiu da prefeitura, ficamos eu, Carioca, Aníbal (que estava aqui), Binho, Simony, Dulce,

Eduardo, Gil, todo mundo, só tínhamos o mandato da Marina e alguns mandatos de deputados estaduais e tinha o federal na época...

C. – Não, não tinha deputado federal, não. Nós tínhamos senador, e não tínhamos deputado federal.

J.V. – Ah, é, não tínhamos. É. E aí, o que é que nós fizemos? Agora estamos... Aí criamos uma entidade de trabalhar com gestão, que era o que a gente tinha aprendido, então nós éramos bons nisso. E aí fizemos um entendimento com Capiberibe, que era o governador do Amapá, e esse núcleo bom *pra* caramba da prefeitura começou a dar consultoria para o governo do Amapá. A gente ia para o Amapá, trabalhava. Todo mundo, num coletivo. E eu coordenava esse coletivo. Então a gente arrecadava um dinheirinho, distribuía, para todo mundo comer... depois de ter sido prefeito -, que a gente não tinha *nada*. E fomos ali preparar o projeto para 98, da eleição. Sempre afinado com o Lula, sempre trabalhando. Nesse ínterim está o PSDB. E eu vou pôr, porque é história, aqui.

M.M. – A gente sabe. (ri)

J.V. – O Fernando... A minha vice na prefeitura era do PSDB. A Regina Lima. E aí criou um negócio esquisito. Disse: Pô, mas lá no Acre... Olha bem. A gente fez um movimento, aí o PSDB junto...

M.M. – Eu acho que o único...

J.V. – Para enfrentar o quadro que a gente tinha. E se ela não tivesse entrado... Eu lembro, o Carioca, no dia...A gente tem poucas divergências nessa história. Eu tive que ficar... O Carioca defendendo contra e eu defendendo a favor. E foi por dois ou três votos...

C. – Cinco votos.

J.V. – Cinco votos, que eu ganho a aprovação do PSDB estar na chapa comigo.

C. – ( )tinham perdido ( )só por cinco votos. (*Fora do microfone*) (risos)

J.V. – Está dizendo que perdeu só... (ri) Mas era uma coisa assim, olha, era uma leitura...

M.M. – Mas isso era uma coisa inédita, porque em nenhum lugar do Brasil essa aliança PT-PSDB se efetivava.

J.V. – Então. Em 92, eu vou, faço uma aliança..

A.F. – Isso você já tinha feito em 92.

J.V. – Não. Essa foi a de 92, para prefeito. Eu, para ser candidato, o cara vai... eu tenho que pegar o microfone e fazer, numa plenária grande...

A.F. – Aí, 92, até na direção nacional e tal, havia certa...

M.M. – Havia uma aproximação maior.

J.V. – Não. *(falam todos juntos)* ( ) veio a prefeitura e tal. Aí eu vou, faço ali. Quando chega... eu perco, aí a dona Ruth Cardoso foi lá, na minha gestão. Eu não conhecia Fernando Henrique. Ela foi lá pelo lado... a gente sempre foi meio ONG, meio governo, e ela foi lá. Ficou comigo, foi nos pólos agroflorestais, tomou café, andou nas feirinhas. Ela simples, e eu, simplesmente... simples e meio, e a gente ficou... Ela, quando chegou aqui, fez a cabeça do Fernando Henrique, que tinha alguma coisa interessante acontecendo em Rio Branco, que era um município diferente, era do PT e era diferente; que o PT ali estava fazendo uma coisa muito bacana, os projetos, as coisas. Fernando Henrique me chama. “A Ruth falou coisas muito bacana de você” e tal. Aí comecei a conhecer o presidente Fernando Henrique. Nunca mais falei com ela, a não ser cumprimentá-la. E depois fui no enterro. Era distância mesmo. Mas ela foi importante. Ela. Ela foi lá, olhou, viu e aproximou. Eu já era muito próximo do Lula, que sempre ajudou. Escrevemos um artigo sobre pólo agroflorestal, Lula ia lá, inaugurava coisinhas pequenas. O Lula sempre esteve presente. E o Lula sempre estimulou essa coisa que eu fazia, essa aproximação, para ter governabilidade, para poder ganhar e governar. O Lula sempre estimulou e apoiou. Quando chega em 98...A Marina senadora, também, aqui, tem uma posição, que às vezes ela auxiliava o governo na parte ambiental, ela cumpria uma agenda, que era maior que a do governo e diferente, a Marina. Quando chega em 98, nós temos um problema: o governo do Acre estava nas páginas policiais, o caos estava instalado. *Hidelbrando e companhia – bandidagem*. Como é que nós vamos enfrentar esse pessoal, gente? Aí...

M.M. – Que era uma barra pesada.

J.V. – Não, não tinha como. Não chegava...

A.F. – Porque nesse período, essa coisa do narcotráfico...

J.V. – Não. O governador tinha sido assassinado. O vice dele, que era bandido... suspeito de estar lá envolvido... Bem. Não posso botar suspeito, que aí eu vou entrar... Mas o vice dele, que era brigado com ele. Aí entra o outro governador, nas páginas policiais, *o grupo do Hidrelbrando*... aquela confusão. Estava nas páginas policiais. Para alguns, o Acre vivia na ilegalidade. Aí, fui com o Lula, José Dirceu na época, falei: “olha, tem um negócio aqui.” Lula me recebeu. Na época, ele já tinha passado de governo paralelo, eu acho que ele já estava no Instituto da Cidadania, me recebeu, ali perto de onde ele está hoje, no Ipiranga, e falamos: olha, para a gente enfrentar esse negócio, só se for... E ele falou: “Conversa”. Aí a Marina, que tinha uma proximidade com Fernando Henrique, eu tinha, por causa da dona Ruth, Fernando Henrique chama e quer conversar com a gente sobre 98, sobre eleição no Acre. Fernando Henrique. E diz: “Vocês escolhem. Com publicidade, sem publicidade, no palácio ou na minha casa”. Aí eu falei, olha... Fomos lá na casa dele, sem publicidade. E ele falou: “Se meu partido não apoiar, eu apoio. Nós vamos tirar o Acre, tem que dar uma mão para o Acre”. Falou desse jeito. E criou lá, na época, não estava muito tensionado, ele criou um ambiente para que eu pudesse ajudar. Aí aconteceu um fato inédito. PSDB não existia no Acre. Já tinha sido tentado. Estava muito fragilizado. Eu vou pôr aqui. É parte da história. A direção do PSDB na época... Aí eu tenho que falar sobre o companheiro que... da Bahia, que foi ministro na época do Fernando Henrique...

A.F. – Waldir Pires?

J.V. – Não, não. Na época do Fernando Henrique. Lá da Bahia. Era deputado federal e tal. E os dirigentes do PSDB, o Artur Virgílio ajudou muito...

A.F. – Jutahy.

J.V. – Jutahy. Jutahy, Artur ajudaram. O Artur Virgílio.

M.M. – É? Que coisa inédita. (ri)

J.V. – É. Na época... Não, na época, o Artur ajudava. Ajudava, sabe por quê? Depois, eu até conto. Teve um período que o Fernando Henrique tinha relação comigo mas não tinha com Artur. Enfim. Com o Artur Virgílio. Eu até que cheguei, num período, falei: pô... Que o Artur era do Amazonas, ali do lado, perto. Sabendo o que a gente passava então, pela afinidade regional, a gente se aproximou do Artur...

A.F. – E ele tinha sido PSB.

J.V. – Não. Do PC do B. Do PSB também. Aí o Jutahy, tinha sido ministro, me ajudou a implantar na prefeitura um projeto importante. Porque, o que é que aconteceu comigo? Nós éramos uma prefeitura do PT pequena, de uma capital, e pela relação que a dona Ruth criou e por mais algumas coisas boas que nós fazíamos, para o PSDB era importante poder dizer que trabalhava com a prefeitura do PT. Ou seja, nós entramos na cota de oposição do PSDB, ele nos usando; e nós falamos: nós aqui não sobrevivemos nada sem ajuda do governo federal. E, sem mudar de lado, a gente criou uma relação com eles. Aí um projeto chamado Habitat Brasil foi implementado na prefeitura, que foi marcante, que é mudar as favelas, urbanizar um bairro tido como favela, em Rio Branco, que tinha sido da ocupação dos seringueiros. Bairro João Eduardo. Aí o Jutahy foi lá, adorou o negócio, e a gente fez bem feito o trabalho. Fiquei próximo dele. Esse pessoal ajudou a fazer uma aliança. Só que o PSDB no Acre não existia. Existia no Brasil. Para enfrentar a bandidagem, a gente precisava do PSDB, que era um partido que daria um lastro maior do que a gente tinha na época. Aí a direção nacional do PSDB me chamou aqui, com Artur mediando, e falou o seguinte: “Jorge, a gente confia em você”. (Olha o tamanho da situação) “Vá lá e identifique sete pessoas para ser a comissão provisória do PSDB no Acre. E a gente acredita que você não vai pôr ninguém que vá ser teleguiado do PT ou coisa que o valha”. Eu falei: “Claro que não”. E fui e convidei sete pessoas para formar a executiva do PSDB lá no Acre. Eles tiraram a turma que estava, me deram essa prerrogativa. E eu cometi muitas falhas, porque, eu fui tão radical em cumprir essa tarefa, que eu chamei pessoas que não seriam do PT nunca. (risos) É claro. Os caras... E dentro deles veio o meu vice-governador. Esse eu chamei, porque ele seria um orgulho para nós, que é o ex-governador Cadaxo. Chamamos lá um grupo, nomearam a provisória. Eu tinha falado para eles. Aí já ficou a aliança formal. O PT, num encontro nacional... que foi lá no ABC, não me lembro qual foi deles, mas foi encontro nacional... O João Paulo...

A.F. – Segundo Congresso. Não, não.

J.V. – Não sei qual foi. Foi em 98. Aí o João Paulo foi o orador da minha defesa da aliança. José Dirceu, todo mundo abençoando, mas tinha que ganhar no voto. Quinhentos e poucos delegados. E foi aprovado lá a aliança para o governo do PT. (ri) Eu achei, talvez, o gesto mais importante que o PT nacional deu de confiança no nosso projeto, de reconhecimento de tudo que a gente fazia e de confiança plena. Porque o Lula sabia, o José Dirceu sabia, os companheiros todos defenderam...

C. – Até hoje o Rochinha diz que... o número de votos foi muito pequeno, e que ele lembra de um companheiro que disse que só votaria nessa proposta porque ele estava pedindo e se ele levantasse. Ele achava que o cara não                      levantaria o braço. (risos)

J.V. – Alguém vem aqui e levanta meu braço, que eu não tenho coragem de votar alguma coisa do PSDB. Aí levantaram. Então Rochinha foi... A direção foi de uma grandeza conosco, de uma compreensão, de um partido que realmente pensa o país que tem situações. Aí o meu vice do PSDB, governador Cadaxo, foi fundamental. O governo, foi um governo inovador, enfrentou crime organizado, junto com as instituições, porque não foi uma ação do governo, foi Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual, Ministério da Justiça, Justiça local, os movimentos sociais todos; todo mundo junto, a gente conseguiu tirar o Acre das páginas policiais e trazer para as páginas da opinião pública. Mas de novo, muito escolado já na idéia, a gente já estava dando aula, lá no Amapá, de planejamento estratégico, a gente fez um bom governo. Aí a gente criou um modo petista de governar estado, modéstia à parte, no Acre. Uma equipe muito afinada, muito competente, o técnico político, de fato, funcionando, a política... E sem desprezar, jogar fora a política. A política estando presente no dia a dia. O Carioca está nisso o tempo inteiro. Eu já saí, já voltei, e ele está lá ainda. Até brinco, que acho que está na hora dele sair um pouco, para o pessoal sentir até falta dele, e também para a gente poder... sei lá, oxigenar isso. Mas é uma necessidade que ele permaneça, pelo acúmulo, pela memória e pela capacidade que ele tem. Aí andamos com essa coisa toda, e o governo passou a ser uma referência mesmo. Nunca tivemos menos do que cinquenta por cento de ótimo e bom.



A.F. – Nesse momento foi o auge da força política do PT no Acre. A eleição de dois senadores... Você está falando 98? Ou 2002?

J.V. – Não. Aí foi quando foi na reeleição da Marina, que foi em 98, que ela tinha sido eleita em 90... Desculpa. Ela foi eleita em...

M.M. – 94.

J.V. – Ela foi eleita em 94. Aí nós elegemos o Tião.

A.F. – Em 2002.

J.V. – Não. Em 98. Aí o Tião, que tinha sido candidato e não tinha ido para o segundo turno, se elege senador com uma excepcional votação também. Aí ficamos com dois senadores. Aí o Nilson Mourão já virou deputado federal, aí já elegemos Icaro, já elegemos alguns companheiros.

A.F. – Ou seja, no período do seu primeiro governo, vocês tinham dois senadores.

J.V. – É. Agora, veja só. Quando nós estávamos na prefeitura, nós elegemos quatro vereadores. Olha como é que a gente operava. Quatro vereadores se elegeram junto comigo. PSDB era vice. Um do PV, um do PC do B, outro do PT e o outro era... do PSB? Ou do PDT?

C. – Do PSDB.

J.V. – Do PSDB. Quer dizer, parecia que era coisa à mão. Porque a gente sempre trabalhou levando quem estava junto. Não era...

A.F. – Monopolizado.

J.V. – Às vezes, a gente até pode ter falhado em relação ao PT. Mas era o jeito de ganhar junto, de pensar o todo, nunca pensar o pedaço. Isso, talvez, expresse. No governo, também, a mesma coisa. A gente levou o PC do B para ter o primeiro deputado federal, com Marcos Afonso. E assim a gente foi fazendo com os aliados. Sempre tivemos essa preocupação – de todos estarem na foto; de todos estarem na foto e estarem... Isso talvez

diferencie. Porque a luta das partes, sempre, lá, a gente subordinou à luta do todo. E isso faz uma diferença enorme na hora de você disputar, ganhar e até governar. Claro que é muito mais difícil. A gente fez aliança com doze partidos, uma coisa complexa e tal. E aí foi um governo premiado, focado na idéia... a gente criou lá o conceito de governo da floresta. Então radicalizamos naquilo que Chico Mendes tinha nos colocado no início da história, da história toda. Aí, com isso, a gente, que já tinha uma relação, desde a prefeitura e antes, com o mundo externo, então a aliança com ONGs... A Maria da Conceição Tavares, uma vez, falou uma frase, que foi meio... para alguns parecia que tinha pejorativo, mas eu sempre achei muito simpática. Ela dizia: “Tem aquele lá... um vaqueiro administrando o Pantanal, tem... o outro quem era, meu Deus?

A.F. – Olívio.

J.V. – O Olívio, “o bigodudo lá nos Pampas, e aquele menino administrando aquela ONG. Porque o Acre não é governo, aquilo é uma ONG”. (risos) E isso nunca foi depreciativo para mim, porque eu entendia que ali estava uma expressão de que o movimento social sempre teve uma força grande no Acre e tal. E que é uma coisa bacana, por um lado. Então o nosso projeto, a gente criou o conceito do governo da floresta. Olha a ousadia. Aí disseram – agora, pronto –, os opositores diziam –, agora vão administrar para os macacos, para onça, para tudo. Então o meio ambiente era sempre tido como uma coisa que se... Como está até hoje. Eu não sei quanto que a gente avançou e quanto que recuou, porque isso ainda é uma disputa. Mas o certo é que a gente assumiu que não dava para fazer um governo... de quê? Se o Acre tem noventa por cento de floresta? Então nós criamos unidades de conservação, fomos implementar programas de desenvolvimento sustentável, começamos a consolidar as unidades de conservação, em respeito à memória do Chico. Então a gente governava preso aos ideais do Chico Mendes, que ele nos deu, e governava buscando a eficiência de gestão, que de alguma maneira a gente também começou a criar uma escola de governo, no Acre. Então, com isso, não estavam distante as prioridades nossas. O Binho sempre foi o gestor da educação, e o Acre, que era o último colocado em educação, no plano nacional, ficou entre os melhores colocados; passou já para o nono lugar, e agora disputa os indicadores, os bons indicadores. Então nós saímos, assim, dos piores indicadores e começamos agora a buscar os indicadores sociais e ambientais e econômicos, a gente começa a buscar. E criamos o conceito da florestania, que é em vez de buscar fazer a cidadania, nós

falamos – aí radicalizamos de novo, inventando uma palavra, inventando um conceito, que é a florestania, que é a cidadania dos povos da floresta. Então, com isso, a gente, de novo, se comunicou com o mundo, se comunicou com uma coisa muito mais ampla do que o próprio PT, do que o próprio...a região, do que o próprio Brasil. E o desafio nosso agora é... Estamos no quarto mandato, o Binho fez inovações extraordinárias, consolidou muito isso. Nós, hoje, das vinte e duas prefeituras governamos dez... onze. Onze são PT. Inclusive a da capital. Já estamos no terceiro mandato na capital. Eu já fui uma vez, o Angelim já é o segundo. E o Tião, é o quarto mandato agora. O Tião... a gente pensa que eu e Binho criamos as condições para o Acre começar a consolidar-se do ponto de vista econômico. E o Tião está com essa tarefa, de fazer com que os indicadores sigam mudando. Nós vamos ter agora, no censo agropecuário, a condição de avaliar dez anos de governo nosso, que é de 2000 a 2010. Isso para nós é importante. Porque nós estamos focados nos indicadores. Porque a gente quer trabalhar a idéia de uma economia de baixo carbono, uma economia verde, que possa culminar em chegar numa economia de baixo carbono com alta inclusão social. E agora, a missão do Tião é consolidar um processo de industrialização, a introdução e a consolidação... a consolidação, não a introdução – de um novo modelo, que estabeleça um novo padrão de consumo, que esteja plugado nessa fase que o mundo e o Brasil está vivendo, que a gente acredita, e o Acre quer ser uma referência, de uma economia sustentável e que tenha base nessa alta inclusão social e bons indicadores socioeconômicos. Nós mudamos a geografia da região com a estrada do Pacífico, ligação com o Pacífico. De alguma maneira, consolidamos a integração da infra-estrutura no estado, e agora é crescer de forma sustentável; mas, mais do que crescer de forma sustentável é a gente ter o desenvolvimento sustentável materializando-se no Acre. Esse é o objetivo nosso, tendo a educação como centro e a economia de base florestal sustentável como o financiador disso.

M.M. – Eu queria fazer uma pergunta. Foi uma coisa que me impressionou muito quando eu fui ao Rio Branco. Quer dizer, conhecia só da imprensa. E aqui, no seu depoimento, você fala, nessa candidatura para a prefeitura, essa idéia da identidade regional e da busca dessa história, dessa memória acreana. A visita àquele museu que foi criado no Palácio. A recuperação do Palácio. E como vocês criaram uma certa genealogia, articulando, quer dizer, a atualidade do governo do Acre com esses heróis do passado. E a seleção dos objetos é algo assim... objeto de um estudo de memória. E a própria, depois, o Centro de

Memória da casa do Chico Mendes. Como é que vocês formularam essa política de memória, essa política cultural? Quem era o secretário de Cultura, e como é que isso foi elaborado?

J.V. – Lá não tem autor. Somos todos autores. A gente sempre fez um trabalho muito coletivo. Mas aí entra um pouco, assim... O Leonardo Boff, que sempre foi um guia para nós, Armando Nogueira, que não está mais, que é acreano, mas o Leonardo Boff, quando ele se deparou com o conceito do governo da floresta, com o conceito de florestania, e aí eu trabalhava com ele a idéia de que nós não administramos o Acre, nós cuidamos. Nós cuidamos da prefeitura. Isso tem uma conceituação completamente... Cuidar é cuidar; é plantar flor, é cuidar da grama, é consertar o que está quebrado, é desprivatizar as áreas públicas, é recompor o patrimônio que é do povo. Então não foi uma coisa setORIZADA da cultura, não, foi do conjunto, do todo. Aí nós falamos o seguinte: o parque, o único parque, o parque zoobotânico... zoobotânico não, parque...

C. – Horto florestal.

J.V. – É, o Horto Florestal que tinha, era o lugar onde os traficantes se reuniam, fechado. Recuperamos, cuidamos do Horto Florestal, criamos mais dois parques, Capitão Cirilo, Parque Chico Mendes, numa cidadezinha... numa administração nossa. Aí começamos a tirar todo mundo que estava em cima das calçadas, indo para um lugar melhor, desprivatizando as áreas públicas, cuidando da cidade. Não tinha dinheiro, mas dá para cuidar. Manter a cidade limpinha, com as luzes acesas. Aí foi fruto muito dos aprendizados sobre gestão; das escolas, de ler os erros e tal, de chegar e ler e ver e pegar inspiração na história do leão (estátua), de Santos, da Telma, da ação ambiental para despoluir as praias de Santos, que a Telma fez com uma comporta, pondo para funcionar uma comporta, onde o esgoto e tal começou a funcionar melhor, a simbologia do leão... A gente trabalhava com coisas que pudessem mobilizar a população. Tinha uma fonte luminosa na frente do Palácio que tinha sido tirada de lá fazia trinta anos. Tinham cinco, de origem francesa, no Brasil. Os caras tiraram. Só que a fonte luminosa, é a fonte da Sagração, onde um bispo foi sagrado bispo lá e tal, e a maioria das pessoas... Que era um dos poucos lugares que tinha luz na época, durante algumas horas. Saiu da missa, ficava ali. A maioria dos casais de Rio Branco se conheceram ali, dando voltinha naquela fonte. Os caras pegam a fonte, levam não sei para onde.

M.M. – É um lugar de memória muito importante.

J.V. – E virou um estacionamento. Cheguei lá... O leão de Santos. Li, aprendi, falei: não, não. Aquela fonte vai voltar, exatamente... No dia da inauguração, de abrir a fonte de novo lá, velhos que nunca saíam mais de casa, os casais, foram para lá, contar suas histórias. Então, o reencontro da história das pessoas com sua cidade. Chega no Palácio, o Palácio era um caos quando eu assumi: pichado, os lugares do ar-condicionado, tudo arrancando, os caras levaram os móveis, tudo. Impraticável. Nascendo capim, nascendo cogumelo no carpete, no tapete do governador, mamão na parte de cima. Tranquei aquilo, falei: eu não posso gastar dinheiro... Tudo planejamento estratégico. Não posso gastar dinheiro agora, porque tem outras prioridades. Fechamos o Palácio, cercamos. Fui atrás de dinheiro doado, dinheiro não reembolsável, negocie com bancos e tal, e fui restaurar o Palácio. Depois eu digo: porra, o Palácio, faz tempo... que é a coisa mais simbólica de poder aqui, o povo não entra. Aí chamamos a Bia Lessa, que é uma figura fantástica, doida, que nunca foi lá – mas a gente sempre foi atrás da excelência, do melhor que tem, não importa onde. Aí, “Bia, ajuda a gente” e tal. Ela bolou comigo, com a minha companheira, com algumas pessoas, fizemos. Falei: não, não. Tem que ter uma sala que conte a história do Palácio. A outra, dos movimentos sociais, a outra, da revolução. Pegamos uma bandeira do Acre, a primeira, que estava lá em Pernambuco, num museu, falei: não, pessoal, essa bandeira é só para uma exposição de inauguração do Palácio, vai ficar lá... Daqui, agora, não sai mais. Está até hoje. (risos) Pegamos. Pegamos a espada do Plácido de Castro que estava em outro lugar... Leva. Não sai mais de lá. E ficamos com o museu embaixo, aberto ao público. E pegamos a Ethel Carmona... Juntamos o tradicional com o quê? A Ethel Carmona, que é uma grande designer de móveis, ela produziu todos aqueles móveis, com madeira certificada. E aí, quando você entra no Palácio, é um desbunde, porque, da cortina, tudo é muito de bom gosto. *(Entram na sala para avisá-lo de um compromisso) Eu tenho que ir agora? (Conversam)*

Então, esse negócio, tem um conceito nisso. Tem um conceito e tem uma metodologia. A gente trabalha com isso. Então qualificou-se muita gente dentro disso. Não tem autoria. Aí entrou o parque da Maternidade, que tinha sido objeto da morte do governador... O parque virou uma coisa fantástica!, no centro da cidade. Aquilo que não acontecia, que parecia impossível... A cidade estava de costas para o rio. Nós pegamos, desapropriei tudo. Tirei três, quatro mil botecos do meio da rua. Tudo que tinha fui tirando, desprivatizando as áreas

públicas. Mas fazendo com jeito. Sem polícia. Tirando, botando a pessoa num lugar melhor, tirando, tirando... Aí o mercado, que era fechado, cercado de uma favela, tira. O mercado é a coisa mais linda, de 1920. Está lá hoje, tudo bonitinho. A cidade voltou a ficar de frente para o rio. Então você mexe na auto-estima das pessoas. E isso talvez tenha sido...

M.M. – Você reconstruiu uma identidade.

J.V. – Talvez tenha sido a coisa mais importante que a gente tenha feito: trazer de volta o amor e a confiança das pessoas na sua história, na... tal. E mais. Nós não fizemos em Rio Branco, nós estamos presentes no estado inteiro. Ligação com o Pacífico, integração com Cruzeiro do Sul... E aí o... E só possível porque nós tivemos tempo. Eu, oito anos, o Binho, quatro anos, e o Tião, agora, fazendo a outra etapa, o outro estágio do nosso projeto.

C. – Você falou sobre a revolução acreana, que é uma coisa que a gente pegou o tempo inteiro. Não falou, e eu acho que seria interessante, muito rapidamente, da questão dos autonomistas, que foi também uma coisa que a gente se apropriou. E aí, você também já falou da história do Chico Mendes, da luta, da resistência. Esses três momentos, eles foram fundamentais para que as pessoas identificassem isso com o PT do Acre.

J.V. – É. Isso que Carioca está pondo é importante, porque... Assim: teve a revolução para o Acre ser parte do Brasil. Aí, quando chega... Não existia a figura de território. Aí, o que é que os políticos falaram? Nós não vamos incorporar aqui um líder gaúcho, lá no meio daquele povo que... gente de todo o canto do mundo, com uns guerrilheiros, com a guerrilha – porque era um exército, regular mas... como é que fica? – virar um estado? Não. Aí criaram a figura de território federal, para poder botar o Acre para dentro. Só que território federal tira a autonomia. Então, tinha acabado de ser criado a República Federativa do Brasil, e nós viramos um território; e mandava governador, três vezes por ano, governador, para ganhar o título de governador, mandava para lá e voltava. Aí foi criado o movimento dos autonomistas. O pessoal do interior do Acre falou não, não, nós queremos ter autonomia. Sessenta anos de luta. Até 62. Quando chega em 62, o cara que era o deputado federal, de Minas, mais... Guiomar Santos, que foi o *grande* governador do Acre, que eu tenho como... Ele e Hugo Carneiro, na década de 20. Hugo Carneiro foi um cara muito interessante. O Guiomar foi o mais completo. Esse cara era mineiro. Aí entra um ex-estudante, que tinha

acabado de chegar, José Augusto, para disputar a eleição de 62. Quem ganha? O acreano, e não o outro que foi... que criou o estado do Acre. O cara fez a lei que criou o estado do Acre, que o Tancredo, primeiro ministro, sancionou...

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

*2º entrevista:* 10/06/2011

M.M. – Na entrevista anterior, nós paramos na sua candidatura, na sua relação com o PSDB, no início do seu governo. Para facilitar um pouco a retomada do fio da conversa, eu acho que seria bom nós retornarmos então ao início de seu governo.

J.V. – Então. Voltar no tempo, há treze anos atrás, é até necessário, para depois vocês poderem fazer uma ligação com a última conversa que nós tivemos. Mas enfim. Para ganhar o governo do Acre... O maior desafio não era ganhar o governo do Acre. Esse foi um desafio importante. Mas o grande desafio mesmo foi governar o Acre. O Acre vivia na ilegalidade, nas páginas policiais, estava vindo de uma sequência de problemas: um governador assassinado num hotel cinco estrelas de São Paulo, os escândalos se sucediam na parte política, e nós tínhamos a presença do crime organizado e num estado pequeno, numa área de fronteira com Bolívia e com Peru, num estado que a classe política estava desacreditada, de certa forma desmoralizada; mas tinha o singular movimento social, que, de certa forma, o PT capitaneava. Nós tínhamos tido a experiência da administração de Rio Branco, que tinha sido exitosa; como já falei, ficamos entre as prefeituras mais bem avaliadas do Brasil, alcançando setenta e cinco por cento de ótimo e bom, disputando com o Jarbas Vasconcelos de Recife. Quando montamos o plano ou uma estratégia, feita a partir do nosso planejamento estratégico de disputar eleição, para enfrentar... para ganhar a eleição e para derrotar a política do atraso, a política que acobertava o crime organizado, foi necessário organizar uma aliança inédita no Brasil, especialmente para o PT. Daí conversamos com o então presidente Fernando Henrique, que já tinha ali nos derrotado, com a maior figura política nossa, o presidente Lula, e muito próximo do movimento do Acre, muito próximo da minha pessoa e de todos nós do Acre, de Marina, Tião, sempre tivemos uma certa intimidade com o presidente Lula; e, na época, a nossa situação era difícil. Como é que nós íamos fazer o movimento de nos

aproximarmos do PSDB, que era o partido que tinha derrotado a pessoa mais importante para nós de dentro do PT. Era importante, mais importante do PT. Mas também tinha o lado que era a relação dele, pessoal, conosco. Então eu procurei o presidente Lula, nós procuramos, e colocamos para ele o quadro. E ele de certa forma estimulou, estimulou que nós buscássemos uma aliança com o PSDB. Aí é um gesto de muita grandeza dele, ele conseguir separar. Ele sempre soube separar as coisas. E também foi muito importante José Dirceu, todos que naquele momento compreenderam. A direção do PT compreendeu que o Acre precisava ter uma aliança. E essa aliança foi aprovada num encontro que ocorreu lá na área do ABC, em São Paulo; foi aprovada por uma maioria, que nos delegou em confiança fazermos uma aliança com o PSDB para tentar mudar a situação do estado do Acre. Meu vice-governador era do PSDB, o candidato então, o presidente Fernando Henrique também, de certa forma, explicitou para dentro do partido e para fora a importância dessa aliança, tendo em vista a situação do Acre. E nós fomos para a campanha, pela primeira vez, o PT fazendo uma aliança, num estado, com o PSDB. Ganhamos a eleição no primeiro turno. E aí tivemos o desafio. Nós, que tínhamos sido uma referência de prefeitura, de uma gestão de sucesso na prefeitura da capital, primeira capital da Amazônia administrada pelo PT, tínhamos ali o desafio de governar o primeiro estado da Amazônia e um dos primeiros do Brasil, também, pelo Partido dos Trabalhadores. E aí montamos um governo, que tinha que atender uma expectativa do ponto de vista nacional, que tinha que atender à expectativa também do PT, porque, até então, a gente tinha o modo petista de governar cidades, mas não tínhamos o modo petista de governar estados; que era uma outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, nós tínhamos também um propósito de não vivermos numa repetição, de reproduzir modelos de gestão; mas nós queríamos ser inovadores, nós queríamos reinventar o modo de governar estados. Daí o próprio slogan que nós definimos. Adotamos o slogan de governo da floresta. Isso foi um impacto muito grande, porque até então, praticamente, todos os governos da Amazônia, assumiam o governo e queriam reproduzir o modelo convencional que o centro-sul tinha implementado e tal. E, na Amazônia, isso não combinava com a nossa trajetória, com o nosso ideário todo. Daí nós introduzimos o governo da floresta. Tivemos uma reação forte internamente, mas de certa forma isso nos ajudou também a, de novo, abrir possibilidades do olhar, da observação, de dentro e de fora do Brasil, de que tinha algo novo acontecendo na Amazônia. E eu acho que isso foi muito bom para o PT. Além disso, nós fizemos o combate, livramos o Acre do crime organizado. Não foi uma ação de governo. Foi



um ambiente que o governo colaborou para criar, mas foi uma ação das instituições todas do Acre. Eu já falei atrás. Porque crime organizado, para enfrentar crime organizado, não tem instituição forte para enfrentar crime organizado, ou você articula todas elas, todas as instituições para enfrentar o crime organizado ou dificilmente você consegue vencê-lo. E daí a gente fez uma gestão inovadora. A prioridade número um, a educação. O Acre era o último colocado, dentro do ranking dos vinte e sete estados do Brasil, em educação. Os piores salários, os piores indicadores. Então... Depois desse período de uma década de trabalho, o Acre, hoje, está disputando... dependendo do indicador que se usa mas, o estado do Acre está entre os sete e oito... de seis a nove, disputa a sexta à nona posição no ranking nacional. Isso é motivo de orgulho para todos nós. E é apenas o começo. Porque o trabalho que foi feito, de gestão, de priorização, de mudança, estabelecendo um dos maiores salários do Brasil... Nosso salário de policial, nosso salário de professor, de funções, de carreiras importantes da estrutura do estado, sempre foram, quando eu estava no governo e também nesse trabalho nosso, sempre foram maior do que o estado mais rico da federação, no caso, São Paulo. Isso era uma maneira de nós demonstrarmos a nossa capacidade de gestão. Porque o estado do Acre sempre foi um estado pobre, com uma economia muito debilitada. Mas com uma gestão eficiente, com uma...

M.M. – Foi possível maximizar esses recursos.

J.V. – Foi possível virar uma referência, também por esse aspecto. Isso foi muito bom para o Acre, muito bom para o PT do Acre mas também muito bom para a imagem do PT do ponto de vista do plano nacional. O Lula, o presidente Lula sempre falava que a experiência mais exitosa e mais longa que o PT tem de governar estados é a experiência do Acre.

M.M. – E também um outro pólo de influência, de importância, diferente de São Paulo. Porque sempre o PT ficava muito associado, vinculado ao ABC, à tradição dos sindicatos paulistas.

J.V. – Era também, ali, a materialização do enraizamento do PT no Brasil. Então, imagina, a Amazônia, talvez a região mais especial do planeta, exatamente na Amazônia, terra de Chico Mendes, o PT chegava ao poder e dava conta do recado. Nós, especialmente, já com o acúmulo de gestão que nós tínhamos, um grupo muito capaz, um trabalho com

peessoas muito competentes, muito dedicadas, nós, inclusive, eu fiz a opção de... nós tiramos a palavra administrar, fazer gestão e introduzimos a palavra cuidar. Eu lembro que Leonardo Boff foi lá ver o nosso trabalho, eu lembro que vários companheiros, que para nós são importantes, foram lá e viram que nós estávamos rompendo com paradigmas, nós estávamos criando conceitos. Por exemplo, nós criamos o conceito de construir, buscar construir a florestania, e não a cidadania, porque, nisso, a gente tentava passar uma visão inovadora: olha, cidadania remete a cidade; nós vivemos na Amazônia, nós somos o governo da floresta, então vamos substituir cidadania por florestania. Tudo isso nos impunha vencer obstáculos, nos impunha fazer inovação. Então o governo da floresta trabalha para implementar o que nós chamamos de florestania. Nós, priorizando a educação, estabelecemos metas bem objetivas. O Acre tem vinte e dois municípios. Nós resolvemos: nós vamos financiar a chegada do curso de nível superior nos vinte e dois municípios. Quase a metade dos municípios do Acre não tinham sequer o segundo grau quando a gente chegou no governo. E com menos de... antes de terminar o segundo mandato, nós já tínhamos levado curso de nível superior para os vinte e dois municípios. O primeiro estado do Brasil a ter isso. E em dez anos de trabalho nós formamos cem por cento dos professores municipais, especialmente, e cem por cento os professores do estado. Nós criamos um programa, financiado pelo governo, para que todos tivessem nível superior, pudessem fazer. E isso como parte do nosso plano de consolidar os indicadores educacionais do Acre; e, com essa prioridade, nós ajudamos a mudar os indicadores econômicos do Acre. Então o Acre já mudou muito seus indicadores econômicos e sociais. Mas nós pretendemos nos próximos anos... agora, com o governo do Tião Viana, que é o quarto mandato, nós queremos agora sair da disputa com a média nacional e começarmos a ser uma referência no Norte e Nordeste, tanto do ponto de vista econômico como social. E, dessa maneira, a gente entende que ajudaria o PT a se firmar como um partido que sabe fazer gestão e sabe ser ou que é uma referência, também, do ponto de vista de administrar, de governar e cuidar de estado.

M.M. – Como é que foi esse trabalho do seu governo de construir uma nova identidade ou reconstruir, vamos dizer assim, uma identidade para o Acre considerando uma certa genealogia de grandes personagens da história do Acre? No presente, com Chico Mendes, e voltando para os grandes personagens. E isso se mostra muito concretizado na própria exposição que tem no Palácio do Governo em Rio Branco.

J.V. – Isso. Essa é uma coisa. Quando eu falo que nós... quando chegamos no governo, o Acre estava destruído. E talvez a destruição... Isso o patrimônio público. O Palácio, estava nascendo vegetação no teto e dentro do Palácio. O estado tinha sido saqueado, estava desmontado. E o pior é que tinha afetado fortemente a autoestima do povo acreano, que estava muito baixa. E o povo do Acre tem uma história singular. A revolução acreana, a história de Plácido de Castro, de Galvez... Eu digo sempre que Galvez e Plácido de Castro nos deram o legado da terra, da posse territorial, com o Tratado de Petrópolis conduzido pelo Barão de Rio Branco, e Chico Mendes nos deu o ideário, nos deu o sentido contemporâneo de compromisso, da ideia de valorização da floresta, da ideia de priorizar e promover uma transformação para consolidar ou iniciar a consolidação do desenvolvimento sustentável a partir de uma economia florestal. Então, quando nós assumimos o governo, nós achávamos que tínhamos que fazer algo que pudesse ser realmente uma quebra de paradigma, mudar os paradigmas, tinha que ser algo para dentro e para fora, tinha que ser algo para o Brasil e para o mundo, mas tinha que ser algo também para o coração das pessoas, para dentro das pessoas. E aí nós fizemos um movimento no sentido de valorizar o hino acreano, a bandeira acreana, a história do povo. Porque como é que nós vamos fazer o governo da floresta, como é que nós vamos implantar o estado da florestania na Amazônia brasileira se não tivesse uma conexão com as pessoas, com os acreanos e acreanas e também com aqueles que adotaram o Acre como sua terra? Então, quando nós começamos a trabalhar os símbolos do Acre, recuperar desde o Palácio, recuperar o patrimônio do povo, cuidar, cuidar mesmo, daquilo que a gente tinha de precioso, pôr a bandeira presente, voltar a cantar o hino, valorizar a história, e foi bom porque foi nesse período que o Acre estava completando os seu centenários, o centenário da revolução acreana, o centenário do estado independente do Acre, e tudo isso nos ajudou a nos reencontrar com a nossa própria identidade, com a nossa própria história. Isso nós materializamos com os museus, com os espaços públicos recuperados, bem cuidados; fazer com que a cidade voltasse a ficar de frente para o rio, valorizar os espaços públicos, desprivatizar esses espaços públicos na capital e no interior, fazer o trabalho de integração do estado... Eu lembro que eu andei muito quando candidato, em 98, andei a cavalo, andei a pé; inspirado no Lula, eu digo: eu tenho que ser o acreano que mais conhece o Acre, conhece o Acre na palma da mão; olhando, aquele olhar que o Lula fez na Caravana da Cidadania, com o governo paralelo, que promoveu estudo de cada área. Nós reproduzimos do nosso jeito, no Acre, tudo isso. E aí encontramos o fio da meada para trabalhar. E isso deu

muito certo. Então a nossa gestão, ela sofreu, foi duro o combate, sofreu muitas reações, eu passei dificuldades extremas, comigo, com pessoas até de minha família, houve um enfrentamento violento nisso; mas as grandes mudanças e transformações só acontecem quando também, de certa forma, você supera as barreiras, as pedras no caminho e vive essa fase de superação. Foi o que o Acre viveu. A partir do segundo mandato, deu para fazer...

M.M. – Como é que foi a sua participação na campanha do Lula para presidente, quando ele é vitorioso?

J.V. – Então. O Lula sempre foi uma figura fora do padrão. Porque eu lembro bem que quando houve a campanha de 89, que foi a mais bonita de todas, a mais envolvente de todas, a mais marcante de todas, e o pior dos mundos: a gente perdeu para o Collor... Pouco tempo depois, uma parcela importante do povo brasileiro e das instituições se juntam para tirar o mesmo Collor, que tinha sido o aglutinador dessas forças conservadoras para não deixar o Lula ganhar. Depois disso, eu viro gestor de prefeitura, o Lula começa a disputar uma eleição atrás da outra, seguidas, para presidente. Tinha momentos que o próprio PT não acreditava, tinha momentos que boa parte das lideranças achava que Lula não deveria ser. Uns porque achavam que ele não merecia aquela sorte de ficar tentando e tentando, outros porque achavam que com ele nunca ia dar; então, alguns não queriam que ele fosse por gostar dele e tentar protegê-lo e poupá-lo, outros, não, porque já o descartavam de cara, diziam: não, com Lula, não vai dar. E eu acompanhava de perto. E ele, daquele jeito, sem impor nada, sempre sobrava para ele ser o candidato. E ele cumpria essas missões, para ganhar ou para perder, mas sempre pensando o Brasil, sempre pensando essa trajetória. Enfim, uma pessoa que tem estrela, uma pessoa que... Porque na política também tem essas coisas, de um determinado cargo para frente, não adianta, tem cargo que você se elege; quando você é parlamentar, deputado, vereador, você se elege deputado e vereador; nos cargos majoritários, você é eleito; e tem outros casos, no caso de presidente da República, aí a sorte é que te elege, é o destino que te elege, porque são muitas circunstâncias; aí não tem outro elemento que não seja... para não ficar uma coisa muito subjetiva, é o destino mesmo. Tem que ter. Se não, não chega. E o Lula chegou, a gente sempre se envolveu apaixonadamente nas eleições do Lula. Eu tinha uma relação muito boa com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Depois, o presidente Fernando Henrique Cardoso perde, e eu tive a oportunidade de ficar quatro anos sendo governador com o Lula presidente. E foi fantástico, porque eu me envolvi na campanha, eu

sempre tive uma relação muito pessoal, participava, andava, vivi a pré-campanha, fomos numa viagem para a China, fomos numa viagem para a Venezuela; eu, como governador, sempre estava, procurando estar perto; e pude acompanhar, de certa forma, a construção daquela vitória. Que não se explica pelos acertos do PT ou dos aliados, se explica pelo destino, na minha opinião. A política, nos últimos anos – estou falando de décadas – nas últimas décadas, todos os prognósticos, todas as tentativas de construir uma certa lógica, deu tudo errado. Quem não tinha as condições de ganhar ganhou, quem tinha as condições de ganhar perdeu. E, no Brasil, sempre foi assim. Na política, uma coisa, cada vez fica mais claro para mim, que é muito subjetiva, de um ponto...

M.M. – Você acha que há uma imprevisibilidade enorme.

J.V. – Imprevisibilidade, é verdade. De um ponto para cima, não tem sentido. Hoje mesmo, como se explica a Dilma ser presidente? Há três anos atrás, era impossível, qualquer analista jamais colocaria essa possibilidade. Vide a entrevista do Montenegro, dois anos antes da eleição, dizendo que a Dilma está... E ele é uma pessoa que vive de analisar números e...

M.M. – É. Mas eu acho que a Dilma é um caso muito especial.

J.V. – Não, é. Mas vamos dar um exemplo. Quem é que podia imaginar que o Sarney seria presidente, que o Itamar seria presidente? Todos foram presidente. Que o Tancredo não seria presidente? Que o Collor seria presidente, que o Fernando Henrique seria presidente? Porque o Fernando Henrique não ganhava nem para senador de São Paulo. Estava fadado a ser candidato a deputado federal ou sair. Virou presidente em pouco tempo, com o real. E o governo do Itamar deu certo. E nós...

M.M. – Mas do Lula, eu acho que havia uma forte perspectiva dele ser presidente.

J.V. – Aí que eu acho que não, porque, como as derrotas sucessivas, parecia que aquilo não ia acontecer nunca. E aí, lá no segundo mandato do governo Fernando Henrique, Fernando Henrique se desencontra com... ou de certa forma se explicita os problemas do governo dele, a mudança para o processo de reeleição, e lá, de novo, são colocadas as condições para o Lula disputar com condição e ganhar aquela eleição. Depois, o primeiro

mandato nosso, em que eu era governador junto, foi muito duro, muito difícil. Foi um momento que, de novo...

M.M. – Mas vocês tiveram que enfrentar a herança do mensalão, todas as críticas e todas aquelas discussões, que foram muito desgastantes para o PT.

J.V. – Olha. Foi terrível. Foi tão grave, foi tão grave... O que ocorreu é parte, lamentavelmente tenho que dizer isso, é parte do chegar no poder. Tem sempre alguém que se aproveita, tem sempre alguém que faz algo errado; e na maioria dos casos, e certamente, nos casos todos, todos merecem punição por isso. Mas ali não era só isso que estava em jogo. O que estava em jogo ali era a tentativa de não permitir que aquele governo...

M.M. – Continuasse.

J.V. – Continuasse e desse certo. Então, não era só mais uma crise de um governo, era... A crise de um governo, tem alguém que se envolveu em corrupção, tira do governo. O próprio carimbo, a história do mensalão, isso foi, para mim, uma invenção; em cima de uma coisa irregular, ilegal, que tem que ser combatida. Porque o dinheiro não contabilizado, o dinheiro, o financiamento de campanha fora da lei, sinto muito, é ilegal. Agora querer dizer que tinha um pagamento mensal para políticos do PT para votar no PT, isso é um pouco demais. Aí já foi, eu acho, um esquema de determinados setores dos meios de comunicação de encontrar uma maneira de se comunicar com a população sobre algo que a população sabe, que é uma tradição que tem no Brasil, e que ela tinha a expectativa de que, com o PT, não acontecesse. Aí que eu acho que o PT, então, ficou com cicatriz. Houve um golpe grande, ficou uma cicatriz. Essa cicatriz, eu acho que é bom, inclusive, que ela não desapareça no Partido dos Trabalhadores, para a gente sempre lembrar, recorrer a ela, lembrar, para não permitir que se repita. Agora é muito difícil, num sistema político, hoje, que o Brasil tem, você lidar com isso. Para mim, por exemplo, você fala de reforma política, para mim, a questão central não é só o sistema eleitoral, que eu acho o nosso, proporcional do jeito que está, é moderno, precisa só de um aperfeiçoamento; mas, para mim, a questão central hoje é financiamento de campanhas. Se a gente não resolver o problema da circulação de dinheiro em período eleitoral, nós vamos pagar um preço muito caro. E um partido como o PT, que governa, que tem a presidência da República, que governa vários estados, que governa muitos

estados e que tem uma das maiores bancadas, hoje, no Congresso e também no parlamento estadual e nas prefeituras e nos parlamentos municipais, pode sofrer as piores consequências. Então é muito importante para o PT que a gente encontre uma maneira de sair dessa armadilha, dessa hipocrisia que é o financiamento de campanha no Brasil. Porque quem, hoje, faz doação dentro da lei sofre devassa, e aí as empresas e os doadores estão cada vez mais empurrados para voltar a fazer doações...

M.M. – Informais.

J.V. – É, não formais ou informais, para ver se não são perseguidos. Então é uma contradição terrível. E acho que nós do PT temos a obrigação, até pela crise que já vivemos em decorrência de eleições, em decorrência de dívidas eleitorais, em decorrência de financiamentos de campanha, nós temos a obrigação de superar isso, estabelecendo regras claras. Eu mesmo apresentei uma proposta de estabelecer um teto financeiro para as candidaturas. Porque parece que, em época de eleição, o dinheiro brota do chão. A população passando dificuldades, e aí, não importa se tem crise, se não tem crise, no período da eleição, tudo fica fácil: os carros ficam na rua, os cabos eleitorais na rua, as propagandas caras estão sempre na rua. Então o Brasil precisa tratar isso melhor, até para que possa, o PT ajudar, para que o Brasil, possa fazer valer que, no período eleitoral, as propostas sejam apreciadas; não tenha o personalismo, que está tomando conta hoje, e também não tenha o poder econômico de certa forma decidindo boa parte das eleições. Mas, mas assim, para mim, na convivência, eu tive uma boa convivência com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele nos ajudou, no Acre, a superar, tirar o Acre do século passado e trazer para esse novo século. E quando o presidente Lula assumiu, aí é como se nós tivéssemos chegado no céu.

M.M. – Quer dizer que você teve um mandato com Fernando Henrique e um mandato com Lula.

J.V. – Exatamente. E o mandato com o Lula, mesmo com a crise, mas foi uma oportunidade fantástica de nós conseguirmos consolidar o nosso projeto no Acre. Ele sempre cuidou muito de perto do trabalho que nós fizemos. E depois o governador Binho, meu vice-governador e sempre secretário de Educação, ficou mais quatro anos com o Lula. E eu diria que...

M.M. – Que foi um período mais fácil, porque o segundo governo Lula foi um governo muito mais tranquilo.

J.V. – Aí foi, foi fantástico. Mas para nós do Acre, a parte mais difícil também foi no meu primeiro mandato. O segundo foi mais fácil. E o do governo do Binho, que foi também um recorde no PT, primeira vez um estado, nós tivemos três gestões do PT...

M.M. – É. Agora é a quarta.

J.V. – De certa forma nós criamos o alicerce para, de fato, vivermos, agora, uma fase de mexer na qualidade dos indicadores. E aí o governo do Tião Viana tem esse compromisso de consolidar o modelo econômico no Acre, que seja a expressão do que a gente busca permanentemente, do desenvolvimento sustentável, que a gente chama de economia verde, uma economia de baixo carbono com alta inclusão social, para que ela possa ser uma referência para o Brasil e para o mundo. E é isso mais ou menos que a gente vive hoje no Acre. E não teríamos condição de ter alcançado essa condição que a gente vive hoje se não tivéssemos tido uma colaboração do Lula ainda antes de ser poder e depois que ele chegou no governo; e se também o Acre não tivesse sido escolhido, seja por Fernando Henrique, seja por Lula, para receber um tratamento diferenciado. E eu acho que nós soubemos aproveitar bem isso.

M.M. – Quais foram os principais desafios do seu segundo governo? Porque o primeiro, você situou bem, foi esses problemas todos da criminalidade...

J.V. – No segundo governo, o propósito foi de tentar consolidar uma infraestrutura que pudesse ser a base do início da implementação de uma economia florestal sustentável. Aí também, com a ajuda do BNDES, com ajuda do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento, com ajuda de recursos do orçamento da união, nós intensificamos a consolidação de infraestrutura, ou seja, integração do Acre...

M.M. – Através de estradas.

J.V. – Através... Não. De duas estradas. Uma, a 317, ligando o Acre na região de Assis Brasil a Rio Branco e seguindo rumo ao Amazonas, e criando e consolidando o que a gente chama de estrada do Pacífico. Nós mesmos fomos os responsáveis por trabalharmos, ainda no



governo do presidente Fernando Henrique, para que o Brasil fizesse uma conexão rumo ao Peru, para chegar no Pacífico. E quando o Lula assume, o Lula adotou aquilo como uma questão central; e foi exatamente através do Acre, inaugurando ponte com a Bolívia, para sinalizar concretamente a nossa convivência e uma mudança de uma relação secular de um ficar de costas para o outro, e com a estrada para o Peru. E aí o Lula, essa integração aconteceu. E também a consolidação de dizer: nós vamos integrar o Acre de ponta a ponta, de Rio Branco a Cruzeiro do Sul. (Deixa eu atender aqui. Porque eu preciso dar uma palavrinha com a moça do Globo).

M.M. – Tudo bem.

[Interrupção da gravação]

M.M. – Retomamos. Nós estávamos comentando sobre o seu segundo governo.

J.V. – Isso. E aí esse governo consolidou a ponto que...

M.M. – Eu tinha perguntado quais eram os desafios que você tinha enfrentado.

J.V. – É. Eu tinha falado, essa coisa toda de Lula, de Fernando Henrique e Lula, do PT, Chico Mendes, a nossa história terminou que fez o Acre ficar com um PIB político maior do que...

M.M. – Na verdade, ele poderia ter.

J.V. – Que, na verdade, ele poderia ter. Ao ponto que no segundo governo do presidente Lula, ele falou: “Jorge, eu quero que agora...agora, você vem para o ministério”. Mas o problema é que a Marina já estava no ministério. E eu falei: “Presidente, eu não posso”. E ele falou: “Não. Mas a Marina já ficou quatro anos... (isso aí, como é história...) Marina já ficou quatro anos. A Marina tem ainda mais quatro anos de Senado, e você vem”. Porque ele já tinha me convidado algumas vezes. Já tinha...

M.M. – Depois de terminado o seu mandato.

J.V. – É. Porque, quando eu terminei o mandato, eu fiquei liberado. E, antes, o presidente Lula já tinha me sondado e até, eu diria, buscado que eu viesse para Brasília para ajudar, por conta do meu perfil mais executivo, que eu sempre tive. E eu fui pedir desculpa a ele, porque... Porque o Lula sempre foi a pessoa que me botou... me deu a luz, me deu as orientações e em quem eu sempre me escorei. E eu tive que falar não, presidente, a Marina tem que seguir. Vai ficar ruim... E ele falou: “Jorge. Mas eu não posso pôr dois ministros”. E eu falei: “Nem eu estou disputando”. Daí eu fui desenvolver um trabalho na iniciativa privada, que foi fantástico para mim, eu consegui acumular uma experiência, fiquei quatro anos completamente fora; mas também numa sintonia com ele, trabalhando, sempre convivendo. Ele falava... Ele tinha muito cuidado comigo. Dizia: “Depois que a pessoa vira ex, nem vento bate nas costas”. Mas ele me deu mais acolhida depois que eu virei ex do que... do que antes.

M.M. – Quando você era governador.

J.V. – Do que eu era governador. Então... A relação sempre foi essa. Aí o Binho também, que nunca tinha pensado em ser governador, virou governador do Acre. Fez um grande governo. Depois veio o Tião. E nós tivemos o privilégio, no Acre, de viver esse apogeu do resultado da era Lula. Porque de fato o Brasil é outro hoje. As mudanças foram estruturais. A inversão de prioridades virou uma realidade, gente.

M.M. – Como é que essas grandes bandeiras do governo Lula, o Bolsa Família...

J.V. – Luz para Todos...

M.M. – É, luz, a questão do ProUni... Como é que essas políticas refletiram no Acre?

J.V. – Olha. Às vezes, as pessoas ficam me perguntando por que é que o Lula tem o carinho no Brasil todo, lá no Nordeste. Gente, quem mais sentiu as mudanças foi a população sempre excluída. O Norte e Nordeste nunca tiveram ação dirigida, direcionada de governo para essas regiões. Elas têm um déficit de infraestrutura, elas têm um déficit de políticas públicas, elas têm um déficit de...de uma atenção mínima para boa parte da população brasileira que está no Nordeste; a maior parte inclusive, que você tem, vivia esquecida. Getúlio Vargas fez boas mudanças do ponto de vista dos direitos sociais. Juscelino

Kubitschek começou a apontar a ideia da infraestrutura no Brasil e levou o Brasil até o Centro-Oeste. Mas foi o Lula que fez o Brasil ficar um país, quando ele foi olhar para o Nordeste, quando ele foi olhar para o Norte. E isso mudou a vida das pessoas. O Luz para Todos é um programa, é como se tivesse recuperado cem anos: tirar milhões da escuridão e trazer para a cidadania.

M.M. – É. Aqui no Sul, no Sudeste, não teve esse impacto.

J.V. – Aqui você não tem esse impacto. Um Bolsa Família, um programa que, sem ferir a dignidade humana, estendeu a mão para todas as pessoas que precisaram, foi uma coisa extraordinária. (Atende o telefone)

[Interrupção da gravação]

M.M. – Vamos lá. Já até perdi o fio.

J.V. – Não. Eu estava falando que no governo do Lula... do Fernando Henrique, a gente consolidou essa coisa da infraestrutura, que fizemos a conexão com Bolívia e com Peru, e foram criadas então a(s) base(s) de uma infraestrutura, de um modelo e tal. E que no governo do Lula, nessa era Lula, o Brasil mudou de patamar.

M.M. – É. Nós estávamos falando do impacto do Bolsa Família, do Luz para Todos.

J.V. – É. O Brasil alcançou fortemente o Norte e o Nordeste, como nunca nenhum governo tinha... É como se nós tivéssemos recuperado cinquenta anos em oito. Sinceramente, foram cinquenta anos em oito. E o Brasil ficou mais Brasil, mais igual, ou menos desigual. E os programas sociais, numa região como essa, causam um impacto muito grande. Nós do Acre já estamos vivendo também uma fase delicada, que é uma fase onde o tempo que nós estamos no governo também passa a ser um...um recurso que nos impõe alguns desafios. Então, mesmo fazendo bons...

M.M. – Porque são quatro mandatos.

J.V. – Mesmo fazendo bons governos, mesmo tendo bons indicadores, mesmo tendo feito muitas transformações, nós temos uma dificuldade, que é o sentimento, absolutamente normal, natural das pessoas, de quererem... de darem ouvido a outras propostas e... E eu acho

que esse é o desafio. Por exemplo, o resultado da eleição última foi muito ruim para nós, no Acre. E, certamente, as urnas mandaram...

M.M. – Um recado.

J.V. – Duros recados. Duros recados e importantes recados. A votação do Tião foi muito abaixo do que estava previsto, a minha votação foi abaixo do que estava previsto também. E a votação da Dilma e da Marina foram sofríveis. A Marina mesmo, que viveu com a gente esses anos todos, teve uma votação que ninguém consegue explicar, no Acre. Teve pouco mais de vinte por cento dos votos quando ela era candidata a presidente da República, e não recebeu voto do povo do Acre. Quando ela sempre foi a campeã de votos lá no Acre. Então, não é estranho só a Dilma não ter tido uma boa votação no Acre, mas é a Dilma não ter tido, que representa o nosso projeto, o nosso governo, e a Marina, que também, por si só, só pelo fato de ser do Acre e ser candidata já... em qualquer outro estado, isso significaria que a pessoa teria mais de cinquenta por cento dos votos. Então os recados que as urnas mandaram precisam ser interpretados. A gente está trabalhando. Tem que ser considerado, tem que ter muita humildade. E talvez tenha se criado um pouco de uma automação do projeto. O projeto pode ter caído, com o tempo... aí eu estou falando de... já entrando no décimo terceiro ano, de o perigo de uma automação. E isso que ocorreu no Acre tem que servir de alerta para o nosso projeto no plano nacional. Porque o único estado que tem... que está um pouco à frente...

M.M. – Uma continuidade assim.

J.V. – Uma continuidade, que está um pouco à frente do projeto nosso nacional, de oito anos de Lula e quatro anos de Dilma, é o Acre, que já está indo para completar os dezesseis anos, agora, vai completar os dezesseis anos. E isso tem o lado bom, que é de termos renovado os desafios que temos que superar. Os desafios que o Acre vive hoje são bem diferentes dos desafios que nós vivíamos lá atrás. E a componente política tem que ser interpretada e tal.

M.M. – Qual foi o impacto da saída da Marina do PT, para a política do Acre, para o PT?

J.V. – Para ser sincero, eu não sei mensurar. Mas eu acho que foi grande. Eu acho que a população...

M.M. – Porque a Marina é uma pessoa que nasceu... *(falam juntos)*

J.V. – A população nem entendeu o gesto da Marina, a população do Acre, eu acho, nem entendeu o gesto da Marina nem entendeu o PT. Porque de alguma maneira a Marina, trinta anos depois de militância, saiu do PT. Então, ficou ruim para o PT e ficou ruim para a Marina. E isso eu acho que também explicita que nós precisamos tomar um pouco de cuidado nesse diálogo com a sociedade. Nós não podemos ficar no tarefismo, de fazer... Mesmo que o projeto seja muito bom, mesmo que o estágio de execução dos programas no Acre estejam muito avançados, mas nós, talvez, tenhamos que gastar... isso vale para o PT no plano nacional também. Tem que tomar muito cuidado com como fazer. Não é só o que fazer. Mas o como fazer. Tem que fazer sempre *com* as pessoas, *com* a sociedade. O Lula demonstrou isso. Todos os projetos nossos no governo federal foram precedidos de uma conferência, foram precedidos de um histórico, de um envolvimento com os movimentos sociais. Mas isso não é condição suficiente quando a gente põe o tempo na história; então, tem que estar sempre como que repactuando isso. E isso é uma coisa... É o subjetivo da política. Às vezes a gente não tem como explicar. O Lula mesmo, no fundo, no fundo, sempre foi mal votado no Acre. Isso é ruim para nós, a gente fica sentido, nós todos. A gente sempre foi muito leal. Mas isso termina se transformando num desafio permanente para a gente superar. E não conseguimos superar ainda. Tomara que a gente consiga no futuro, que não demore muito. Porque ou a gente supera isso ou nós vamos ser superados.

M.M. – Agora, já falando da atualidade no Acre, qual é o grande desafio do Acre hoje? Em termos de sustentabilidade econômica, como é que se coaduna esse projeto de preservação da natureza e desenvolvimento econômico?

J.V. – É. Tudo que dependia ou quase tudo que dependia de políticas públicas, de investimentos, de uma preocupação de consolidar uma infraestrutura, de melhorar os serviços públicos, de priorizar a melhora de saúde, de educação, de mudar os indicadores de segurança, eu acho que tudo isso está andando no Acre. Aquilo que dependia da ação do governo, eu acho que deu certo, no Acre. O problema é que nós temos um certo déficit, que é:

as coisas no Acre, agora, precisam acontecer fora do governo, precisam acontecer na sociedade. Eu acho que aí está tendo um desencontro. Por quê? Porque as coisas só se consolidam mesmo, elas só se enraízam, do ponto de vista de atividades econômicas, quando elas acontecem fora do governo.

M.M. – É, na sociedade.

J.V. – Na sociedade. Eu acho que agora, esse é o desafio, que as coisas aconteçam e sejam duradouras. E, para serem duradouras, elas têm que acontecer... É como se o governo tivesse feito bem o seu papel mas agora nós temos que consolidar a atividade econômica e vinculada a essa era do conhecimento que a gente está vivendo, do uso de tecnologia. O Acre tem que ser o endereço do conhecimento, o endereço da economia sustentável, o endereço da industrialização que faz uso inteligente dos recursos naturais. Nós estamos lá com a implantação de um ZPE, Zona de Processamento de Exportação. O Acre tem que saber usar bem a posição estratégica, a logística que nós temos agora por que estamos com uma ligação com o Pacífico, estamos mais perto, é o lugar mais perto do Brasil para os portos da Ásia, onde hoje reúne a mais efervescente atividade econômica, expansão econômica do mundo. Mas isso tem que acontecer de tal maneira que haja o bem-estar econômico e social da população. É como se a população vivesse numa situação muito difícil de exclusão, depois ela tivesse acesso ao que nós chamamos de florestania, dizendo puxa vida, que bom que eu alcancei um grau de respeito, sou respeitado –, mas exatamente por ela ter se libertado daquela exclusão, ela ter se encontrado com o que os urbanos do centro-sul do país chamam de cidadania e nós, do Acre, chamamos de florestania, é que ela também aumentou o volume das exigências, os desejos de conquistas, de melhorias, mais ainda. E eu acho que, muito fortemente, também naquela expectativa, que é normal e é bom que as pessoas tenham, de crescimento econômico, de prosperidade para a família, de oportunidade para as novas gerações que estão vindo. Eu acho que esse é o desafio que o Acre tem hoje. É materializar-se como um endereço da economia verde, da economia de baixo carbono e com alta inclusão social.

M.M. – Agora vamos falar um pouquinho de hoje, você como senador. Nesse período que você ficou fora da atividade política...

J.V. – Ah, sim. É até bom, porque, daquele dia para cá, eu virei relator do Código Florestal. Tem tudo a ver com a história.

M.M. – Pois é. Você estava comentando, antes da interrupção, que você tinha ficado esses quatro anos na iniciativa privada. O que você fez, exatamente, nesse período?

J.V. – Então. Nesse período, termina que foi muito bom para mim porque, não podendo ajudar no Acre, porque eu atrapalharia, depois de ter ficado quase proprietário do Acre como governador, eu falei que eu não administrava o Acre, eu cuidava, e dediquei oito anos assim (e sou muito feliz por ter feito isso) ao Acre, sem direito a férias, sem direito a uma convivência normal com a família. Perdi em alguns aspectos mas ganhei muito. Porque nada como você ajudar a fazer a melhora do coletivo de um povo. O acreano é um povo. No Acre, nós temos um povo. E aí eu fui para o setor privado. Eu trabalhei em empresas privadas, ajudei a implantar conselhos vinculados a essa nova agenda do mundo, de ver a economia verde ainda incipiente sendo colocada, se posicionando melhor dentro das empresas, participei de vários conselhos, e fui presidir o Conselho de Administração da Elibras, que é uma empresa de Minas, criada há trinta anos atrás, que o governo de Minas, do PSDB, era sócio com quase vinte e cinco por cento. E aí já dentro de um desafio de procurar ajudar na área que eu consegui acumular uma experiência, que é na área de gestão, na área da governança. E fiquei como presidente do Conselho de Administração. Desenvolvi um trabalho, sempre vinculado à ideia de buscar a introdução do conceito de um novo padrão de desenvolvimento econômico, quer dizer, o conceito da sustentabilidade, nesse período, e pude experimentar um pouco o ritmo, a maneira, o modelo mental do setor privado, que é completamente diferente do serviço público. Então eu diria que eu melhorei um pouco. Ampliei minha visão, meu conhecimento. E talvez, agora, eu consiga compreender melhor os dois lados, o setor privado e o setor público. E aí, no ano passado, saí completamente das atividades privadas, desativei a empresa, tudo que eu estava fazendo, no começo do ano passado, e voltei. Fui convidado para ser candidato pelo presidente Lula, pelo governador do Acre. E a política para mim é um sacerdócio. Eu acho que a política, quando exercida com honestidade, com dignidade e com ética, é uma das mais... é uma maneira quase que insuperável de você fazer inclusão social, de você ajudar nas transformações do lugar que você vive, do país que você mora e do mundo. Então, aí, um desafio, de vir, sem vocação,

para o legislativo. Então, fui candidato sem vocação. Ainda me sinto um pouco sem. Eu estou me...

M.M. – Aprendendo.

J.V. – Depois de quatro meses, eu diria que agora que eu estou me reencontrando, com o meu jeito, lá no Senado. É um lugar bom, tem pessoas muito capazes, é um espaço onde você pode dar uma contribuição extraordinária para o país. Estou surpreendido positivamente. As dificuldades que eu estou tendo dizem respeito ao meu perfil mesmo. Eu sempre tive o perfil do executivo, e estou tendo um pouco de dificuldade de adaptação. Mas agora, fui convidado para ser relator, fui escolhido relator do Código Florestal, e agora, nesse período que eu estou dando essa segunda etapa da entrevista, eu estou me sentindo mais útil, para o meu estado e para o meu país e para um tema que tem a ver com a minha vida, com minha história de vida.

M.M. – Claro. Você tem uma experiência muito grande.

J.V. – Eu sou da terra de Chico Mendes, eu sou da terra do governo da floresta, do governador Binho Marques, o governador Tião Viana, dos movimentos sociais ligados ao PT, CUT, às Ongs, os sindicatos dos trabalhadores rurais, o Conselho Nacional de Seringueiros, os povos da floresta. A minha relação, a minha vida sempre foi dedicada a procurar dar valor a essa maior riqueza nossa que é a floresta. Não tem sentido, o Brasil é um país que tem a maior área de floresta tropical do mundo, o Brasil é o segundo país em território coberto por floresta, do mundo, nós temos quase meio bilhão de hectares de florestas, são quinhentos e vinte milhões de hectares de floresta ainda, e o Brasil participa com apenas quatro por cento da atividade florestal do mundo ou do que decorre da atividade florestal do mundo. Isso é muito pouco. Nós ainda nem começamos a entender a floresta como um ativo econômico importante; e às vezes nos levamos a discutir de que maneira destruimos a floresta. E a própria discussão do Código Florestal, ela está um pouco vinculada a isso. Primeiro, a tentar lidar com a regularização do uso da terra do passado; e ao mesmo tempo sinaliza para um certo desprezo com a maior riqueza nossa, que é a nossa biodiversidade, são os biomas, a nossa floresta, que é um ativo econômico importante. A floresta e a biodiversidade nossa, ela é importante inclusive para a produção agrícola. Então o meu desafio hoje é fazer com que o



Brasil siga sendo e se consolidando como uma grande potência do ponto de vista da produção agropecuária, do ponto de vista de ajudar a encontrar, para o Brasil e para o mundo, a segurança alimentar, então... Esse é um tema importante, mas... O Brasil tem que ser essa potência, mas tem que ser também um exemplo, uma potência, um país...

M.M. – Mas não pode ser às custas da destruição.

J.V. – Não. E ao contrário. Não pode ser às custas da destruição da nossa maior riqueza, e tem que ser com o cuidado, com a atenção de trabalharmos cuidando desses recursos – escassos –, que são água, todos os recursos naturais nossos, a biodiversidade, porque o Brasil precisa e tem todas as condições de ser uma potência ambiental, uma referência de país quando se tratar de legislação ambiental. O meio ambiente não pode sair perdendo. Em 1934, agrônomos, pessoas que lidavam com a produção agrícola entenderam que o Brasil, que é nome de uma árvore que nós, praticamente, extinguímos do planeta, o Brasil vinha seguindo, ainda no Brasil colônia, nos anos de 1800, vinha seguindo uma trajetória que alguns observavam e se posicionavam dizendo: cautela, nós estamos destruindo as riquezas que temos, sem fazer sequer o uso dela. Em 1934 foi feita a primeira versão do Código Florestal, que tentou estabelecer regras, tentou estabelecer limites para o acesso à terra no Brasil, para que pudesse conciliar acesso à terra com preservação da biodiversidade. Isso não aconteceu. Em 1965 foi votada a segunda versão do Código Florestal. Ali também, estabelecido uma preocupação clara, um conjunto de agrônomos, de pessoas muito vinculadas à atividade agrícola, com lucidez... Os que fizeram o código em 1965 já estavam com a cabeça no século XXI. Com lucidez, eles estabeleceram um conjunto de regras; que pudesse criar condição para o Brasil virar uma potência agrícola mas que pudesse também...

M.M. – Criar regras de preservação.

J.V. – De preservação, de conservação, inclusive do ponto de vista das cidades. Quando se criou o conceito lá, em 60, o conceito de APP, que é área de preservação permanente, estava se pensando as áreas rurais mas estava se pensando as cidades. A maioria dos desastres naturais que acontecem hoje nas cidades, quando você caracteriza como desastre natural é aquilo que tem dano ao patrimônio material e tem danos às vidas, ou seja, nós temos contado os mortos, nos últimos anos, no Brasil, é em decorrência da ocupação desordenada de encosta

de morro, de beira de rios, de beira de córregos, nas cidades grandes, pequenas e médias. E essas áreas de encosta de morros, margem de rios e córregos são o que a gente chama de APP. Ou seja, a mudança do Código Florestal tem tudo a ver com as mortes que nós estamos vendo e chorando no Brasil, às vezes numa região, às vezes na outra; só muda do Norte para o Sul, do Sudeste para a Amazônia. Mas o problema é o mesmo. Então, está mais do que na hora do Brasil, com lucidez, com sabedoria, trabalhar para que a gente possa ter segurança para a atividade produtiva acontecer dentro da lei, da agropecuária, dentro da lei, mas a gente não pode passar um sinal trocado, onde a gente possa, nessa mudança da legislação, fazer com que o Brasil ande para trás, que o Código Florestal ou que a legislação ambiental piore. Não. Ao contrário. O Brasil vai sediar a Rio +20 o ano que vem, devemos ter aqui umas cento e quarenta líderes mundiais, chefes de Estado, devemos ter mais de cinquenta mil pessoas, é o maior evento da história da ONU, e o Brasil tem que estar na Rio +20 com autoridade; autoridade de uma nação que quer (como é o tema da Rio +20) que quer ser um exemplo de uma nação que busca o desenvolvimento sustentável, de uma economia verde, o Brasil que se firma no mundo como uma nação que se preocupa com o combate à pobreza, com a eliminação da miséria a partir da sua contribuição da produção de alimentos, ou seja, o Brasil que se preocupa com a segurança alimentar; mas o Brasil, para ser moderno, para ser contemporâneo, tem que ter uma legislação exemplar do ponto de vista ambiental. E eu acho que isso é conciliável. E estou com muita confiança de que o Partido dos Trabalhadores possa colaborar, através do meu trabalho e dos meus colegas no Senado e na Câmara, com essa conquista, para o PT, para o nosso governo e para o Brasil.

M.M. – Mas essa aprovação do perdão dos desmatadores?

J.V. – Pois é. Para que isso aconteça, você não pode ter como resultado... aí você estaria longe do que eu estou propondo –, você ter anistia, passar a mão na cabeça dos desmatadores, deixar uma lei pouco clara, uma lei que põe sob ameaça as áreas mais sensíveis, como as áreas de preservação permanente, e que ao mesmo tempo não resolva o problema da reserva legal, o problema das áreas de risco nas cidades, o problema da proteção dos mananciais de água, e ao mesmo tempo que não aponte para um capítulo que faça um uso adequado ou que pense a floresta de uma maneira adequada, ou seja, a floresta como ativo econômico importante, que pode ser manejado, que pode se transformar em geração de emprego e renda. Para isso, também é muito importante que a gente defina melhor um capítulo no Código que

dê um tratamento... ou seja, que tenha um cuidado, que possa cuidar da produção familiar, da agricultura, da pequena criação, da agricultura secular, tradicional que nós temos. Porque no fundo, no fundo, todos nós temos uma identidade rural. Boa parte dos brasileiros, com duas, três gerações, a gente já chega no nosso...

M.M. – Ancestral rural.

J.V. – No nosso ancestral ligado à atividade rural. E temos essa tradição, essa cultura brasileira. E depois nós temos também o movimento ambientalista que vem de fora para dentro do Brasil. E agora está tendo uma coisa, que eu acho que é o novo nesse momento, que é o cidadão brasileiro, o garoto, o jovem, a criança, ganhando a consciência ecológica, ganhando um grau de consciência; é como se estivesse vindo o novo consumidor, ou como estivesse sendo estabelecido um novo padrão de consumo no mundo. E para esse novo padrão de consumo, é para atender a essa geração que ganha consciência a cada dia e para atender às gerações futuras que a gente tem que fazer um bom...uma boa legislação ambiental, um bom código florestal.

M.M. – Bom. Um outro ponto ainda, que eu queria que você falasse um pouco, é sobre essa situação presente e essa crise que o governo da Dilma está enfrentando, uma dificuldade bastante séria, com todas essas denúncias em relação ao ministro Palocci, a saída do ministro Palocci, e também a escolha, agora, do ministro das Relações Institucionais. Enfim, toda essas dificuldade, e a atitude que o PT está tendo em relação a esses problemas, que, ao invés de ajudar o governo, no fundo acaba sendo de complicar ainda mais esse quadro.

J.V. – Eu convivo em Brasília há muitos anos. Como prefeito de um lugar pequeno, Rio Branco, eu convivi e sempre estava ali em Brasília, procurando os recursos, fazendo os melhores projetos. Sempre tive uma boa acolhida. Eu mesmo vivi lá como estudante. E depois, como governador, foram também longos anos. As noites mal dormidas dentro de um avião, ficar em Brasília... Mas eu sempre, apesar de ter uma relação afetiva com a cidade, eu sempre temi a Brasília do poder. São duas Brasília. Uma de um povo que vive, pacato. A outra é a ilha da fantasia do poder; que, para mim, está sempre desconectada com o sentimento do brasileiro e da brasileira. Está sempre desconectada com a realidade real. Tem horas que – agora mesmo, como senador, eu vejo, esses últimos trinta dias –, me faz lembrar

da Roma antiga. Essa ilha da fantasia do poder adora uma cabeça numa bandeja. Adora sangue. E eu vivi dias angustiantes. Essa situação do ministro Palocci foi muito ruim. Se alguns comemoraram, se alguns celebraram, para mim foram períodos de angústia. Agora mesmo, fechando esse período ruim – tomara que seja fechando esse período ruim, a saída, agora, de mais um ministro, uma mudança de posição de mais um ministro, isso não é nada bom. Um governo que estava indo bem, que estava... um governo que está indo bem...

M.M. – É. A Dilma, eu acho que ela tem sido muito apreciada, mesmo pela oposição. Muitas pessoas que não votaram nela, hoje, têm uma posição bastante favorável, positiva a ela.

J.V. – É. É impressionante, assim, o *feeling* do presidente Lula quando ele... De novo essa coisa. Ninguém podia fazer esse prognóstico de que a Dilma viraria presidente. O Lula fez, apostou as fichas, botou, o povo brasileiro avalizou; e o Brasil está em boas mãos do ponto de vista da gestão, do ponto de vista da consolidação do projeto de infraestrutura do país, do aprofundamento do nosso compromisso com a mudança social. Quer dizer, a Dilma assumiu o compromisso de seguir dando estabilidade econômica, seguir trabalhando para que o país cresça; mas ela tem assumido um compromisso de fazer com que o Brasil cresça com desenvolvimento. Eu até tenho falado que eu sou defensor de que a gente, que já tivemos o PAC 1, PAC 2, Programa de Aceleração do Crescimento um e dois, quando terminarmos o PAC 2, eu sou favorável a que a gente implante o PADS 1 – Programa de Acelerar o Desenvolvimento Sustentável 1. E eu acho que no governo da presidente Dilma a gente pode viver isso. Porque quando ela lança o programa Brasil sem Miséria, é um aprofundamento daquilo que o presidente Lula começou e que os governos anteriores não priorizavam, não faziam, é como curar essa chaga da fome, da miséria, da exclusão absoluta. E ao mesmo tempo ela sinaliza para... um olhar para a classe média brasileira. Então, um governo que está dando certo, que vai dar certo, que vai seguir mudando e aprofundando as mudanças que o presidente Lula começou, agora, de novo, começa a se encontrar com o descompasso na política, naquilo que nós do PT éramos tidos com bons. Eu acho que nós estamos errando na política. O próprio governo. Se eu tenho alguma crítica a fazer nesse período é a crítica... que não é uma crítica, é um reconhecimento – a política está pouco empoderada no governo da presidente Dilma. E não tem como promover as mudanças que a presidente tem compromisso de promover, não tem como criar um ambiente de entendimento com a base ampla do ponto

de vista numérico e do ponto de vista das diferentes correntes partidárias, se você não tiver um investimento da líder, que é o caso, a presidente liderando e pondo um bom espaço, na agenda dela, para a política.

M.M. – Articular.

J.V. – Articulação política. Tem que ser um colegiado. O vice-presidente Michel Temer tem que estar mais presente. Alguns ministros, um conjunto de ministros tem que cuidar da articulação política; e não uma caixinha, o escaninho da política: o ministro da Secretaria de Assuntos Institucionais, a SAI. Isso não resolve. A política não pode virar um escaninho, um espaçozinho, uma caixinha lá dentro do Palácio. Ela tem que estar presente no Palácio, em todos os andares do Palácio, ela tem que estar presente no governo, em todos os ministérios.

M.M. – Mas deixa eu te perguntar uma coisa. A que você atribui... Pode ficar à vontade, que isso aqui só vai sair, depois, o que você quiser.

J.V. – Não, não. Mas isso aí já fica livre.

M.M. – Você já falou para a imprensa, então não tem nenhum problema de gravar. Mas a que você atribui, por exemplo... Você mesmo mencionou agora, nessa entrevista que você deu para *O Globo*, não é?

J.V. – Não sei. Acho que era. É, é a Globo.

M.M. – De que durante esses últimos vinte dias, as principais críticas, quem alimentou o noticiário político contra o Palocci foi mais o PT do que qualquer outro partido. O próprio PSBD estava muito calmo. Não estava na...

J.V. – O PMDB. Foi até... cumpriu o papel, surpreendente.

M.M. – O PMDB segurou a onda. E o PT foi o principal elemento de desestabilização. A que você atribui isso?

J.V. – Eu acho que o PT é uma espécie de... Eu já falei isso. Ele está fora, agora, das disputas. Mas eu já falei isso lá atrás, naquele período da crise. O PT é uma espécie de Mike Tyson. Nós somos Mike Tyson. A gente é muito bom para acabar uma luta rapidinho e

nocautear o adversário. Mas a gente não aguenta pancada. A gente não sabe levar pancada. O Mike Tyson era o grande campeão do mundo. O dia que ele encontrou um que bateu nele, ele nunca mais ganhou nada. E o PT não sabe apanhar. Não sabe se defender. Só sabe bater.

M.M. – E aí ele entra numa postura de atacar mais do que os adversários.

J.V. – Nós sabemos governar, já demonstramos, cidades e governar estados. Nós soubemos governar e mudar o país, e já mudamos. Mas nós não sabemos nos defender na política. A gente é bom para atacar, a gente é bom para combater. Mas quando a pancada vem para o nosso lado a gente se atrapalha, a gente se bate, não se defende, não ataca, e quando... A gente pensa que não. Nós estamos numa situação fratricida. Ou seja, isso é um perigo. O PT precisa urgentemente retomar o comando, ter um certo centralismo na condução política e na maneira... criar uma sinergia no agir. Porque a posição tem tempo de sobra, responsabilidade quase nenhuma de governança; o tempo dela é consumido exclusivamente para tentar nos danificar. Ou nós nos organizamos...

M.M. – Para enfrentar isso.

J.V. – Para enfrentar isso e para dar suporte aos nossos projetos de governo, para que eles sigam mudando o Brasil, ou nós vamos diminuir de tamanho, nós vamos nos apequenar.

M.M. – Também eu acho que a relação do PT com a Dilma não é muito boa. Eu acho que o PT não ficou muito conformado com a maneira como ela montou o governo. Principalmente o PT de São Paulo, que é uma coisa mais complicada.

J.V. – Não, eu não acho. Eu acho que do jeito que nós estamos, os espaços de poder dentro do PT, ele não se conforme com nada, nem com Lula, nem com Dilma. O problema é que o Lula era o Lula e a Dilma é a Dilma. Eu acho que nós estamos muito bem se pensarmos o país. Agora... lamentavelmente, eu penso que nós do PT temos que... O tempo, de alguma maneira, nos consumiu bastante. Nós estamos envelhecendo, não só porque estamos há muito tempo na estrada da política, e tivemos muitas conquistas, mas eu acho que nós estamos envelhecendo no método de operar, nos compromissos que defendemos. E isso é muito ruim. Isso, às vezes, é o começo do fim de uma etapa, de uma era. É um perigo o PT seguir esse caminho. Ou seja, nós estamos deixando de ser a vanguarda. Nós estamos deixando de ser

pelo aspecto da política convencional. Do ponto de vista dos resultados do governo, nós seguimos sendo vanguarda e uma referência. Mas do ponto de vista da articulação política, da ação política, eu acho que nós estamos criando um déficit, nós mesmos, pela maneira como nos relacionamos, pela maneira como nos comunicamos com a sociedade, pelos princípios e compromissos que assumimos, está tendo, para mim, uma espécie de um envelhecimento de nossas bandeiras ou... ou a validade. Nós estamos... Está vencendo a nossa validade. Nós temos que repactuar princípios, compromissos, para poder iniciar uma nova etapa na história desse partido que mudou a história da política do Brasil e do povo brasileiro. Podia ser assim, encerrar, porque eu acho que essa frase é forte. Um partido que mudou o Brasil, mudou a história da política do Brasil, que mudou a história de vida dos brasileiros tem que se reencontrar consigo mesmo, repactuando seus princípios, seus compromissos, para poder seguir um país importante no século XXI. Senão nós vamos ficar o partido que mudou...

M.M. – Teve uma escalada ascendente...

J.V. – Teve uma escalada e depois...

M.M. – E não soube...

J.V. – Aí tu vê como é que fecha, porque... Tem uma frase forte aí. Porque é isso. Não adianta querer falar muito mais. Mas eu acho que ficou bom, porque... completou bem com o Lula, não é?

M.M. – Tudo bem. Muito obrigada pela sua vinda aqui ao Rio de Janeiro, à Editora da Fundação Getúlio Vargas.

J.V. – Querida, olha, eu que não tenho como agradecer. Porque para mim é importante.

[FIM DO DEPOIMENTO]